



Caio Tozzi

VIVA O PALCO!

Histórias juvenis
para ler e encenar



VIVA O PALCO!

Histórias juvenis
para ler e encenar

© 2023 Caio Tozzi

Os textos dramáticos presentes neste livro têm os direitos de montagem liberados pelo autor apenas para apresentações amadoras e escolares que não tenham objetivos comerciais e/ou fins lucrativos.

Texto fixado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (Decreto Legislativo nº 54, de 1995), que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Edição: Helô Beraldo

Preparação: Helô Beraldo

Revisão: Carina de Luca

Projeto gráfico: Lili Chiofolo

Diagramação: Lili Chiofolo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tozzi, Caio

Viva o palco! : histórias juvenis para ler e encenar /

Caio Tozzi. -- 1. ed. -- São Paulo :

Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-67734-8

1. Teatro - Literatura infantojuvenil I. Título.

23-152769

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura infantil 028.5

2. Teatro : Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Caio Tozzi

VIVA O PALCO!

Histórias juvenis
para ler e encenar

PROAC
PROGRAMA DE
AÇÃO CULTURAL
SÃO PAULO



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**
Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

Sumário

Que as
cortinas se
abram para
os jovens!

6

Que tal
encenar
uma peça?

10

**Rubi
em cena**

14

O mural

58

**Sobre
o autor**

102

**Que as
cortinas se
abram para
os jovens!**

A história deste projeto começa em meados de 2019. Ao visitar uma escola no interior de São Paulo que trabalhara um dos meus livros juvenis com seus estudantes, tive uma grata surpresa ao descobrir que as turmas montaram uma apresentação teatral adaptada da história que haviam lido como projeto de fim de ano. Foi uma festa! Ao me mostrar imagens da apresentação, um dos professores responsáveis pela iniciativa falou, despretensiosamente: “Da próxima vez, você poderia escrever uma peça pra gente montar. O que acha?”.

O que poderia ter passado despercebido acabou colado na minha mente. Imagine criar textos dramáticos que pudessem ser lidos, debatidos, pensados e montados pelos adolescentes? E mais: que pudessem gerar identificação e dar oportunidade para subirem ao palco e falarem sobre coisas parecidas com o que estão sentindo e vivendo?

Quando, em 2020, criei o *podcast* #MOCHILA, um projeto em que conversei com criadores e criadoras de histórias voltadas para o público juvenil, tive bastante dificuldade de encontrar pessoas que estivessem produzindo e pensando teatro para esse público. Consegui uma boa leva de convidados para falar sobre literatura e cinema, mas para conversar sobre teatro juvenil o leque era quase ínfimo. Ou seja, isso significava que a produção de peças teatrais para adolescentes era quase inexistente e eles precisavam se contentar com os clássicos infantis ou pular direto para os dramas adultos. Mas e as questões e os desafios dessa fase? Os medos, as angústias, as alegrias, os amores e os desamores? Por que não estavam nos palcos por aí? O que acontecia?

Pouco a pouco, fui misturando as informações, conectando as ideias e resolvi criar este livro, que é muito mais do que uma simples publicação: é um convite para você, jovem, subir aos palcos e entrar em cena. Um projeto que ganha a possibilidade de existir e de circular através do edital de publicação de textos dramatúrgicos inéditos do Programa de Ação Cultural (ProAC).

Viva o palco! – *Histórias juvenis para ler e encenar* traz duas peças teatrais curtas e inéditas: “Rubi em cena” e “O mural”. Nelas, os adolescentes são os protagonistas, assim como suas questões, seus dramas, medos, suas relações e, principalmente, o desejo que têm de encontrar seu lugar no mundo.

A construção da própria identidade e a afirmação de quem se é estão presentes na história da tímida Rubi, que é matriculada pela mãe em um curso de teatro e ali descobre como pode se reconhecer, se afirmar e se reinventar; e também na de Thales, um garoto inseguro que precisa aceitar que os erros fazem parte do caminho e descobrir que, ao valorizar seus talentos, pode conquistar tudo o que deseja.

Esses textos têm os direitos liberados para montagens amadoras e escolares porque desejo que aqueles que encenarem as peças entendam como a arte pode ser essencial em nossas vidas. Afinal, através da arte, desenvolvemos a autoexpressão, consolidamos nossa identidade, nos expandimos socialmente, nos tornamos seres empáticos, ampliamos a capacidade de reconhecimento das diversidades e nos abrimos à possibilidade de construir um maior senso criativo para a vida. Através da arte, nos fazemos pertencentes e criamos a possibilidade de dialogar.

Antes de conhecer os textos dramatúrgicos, você encontrará uma sugestão de como fazer uma montagem teatral. Além disso, ao acessar a página do projeto em meu *site* (www.caiotozzi.com), poderá baixar não apenas os textos dramatúrgicos que compõem o livro, mas também as versões dessas duas histórias no formato de contos. Assim, é possível compará-las, entendendo as mudanças feitas quando falamos em adaptação de uma para a outra, seja na estrutura ou na linguagem. Há também um

roteiro de conversas para estimular o debate e aprofundar, na escola, os temas trazidos nas histórias, caso as peças sejam montadas por lá com seu grupo.

Espero que, com este projeto, o jovem ganhe o protagonismo que merece não apenas nos palcos, mas também na vida, e que possa se sentir livre para falar sobre o que sente, pensa e vive. E que os adultos possam, dessa maneira, não apenas ouvir e dialogar com ele, mas aplaudi-lo de pé.

Um abraço do Caio.

**Que tal
encenar
uma peça?**

Como já foi dito na apresentação deste livro, este projeto é um convite para os adolescentes entrarem em cena e montarem peças teatrais usando os dois textos aqui presentes.

Montar um espetáculo teatral é uma experiência não apenas divertida, mas um espaço de compreensão da importância do trabalho coletivo. A união de diversos profissionais é o que permite que um espetáculo seja colocado de pé e encante o público.

Para dar início à montagem, o primeiro ponto importante é entender como funciona a estrutura de um texto dramático, que é um pouco diferente do texto literário.

É possível somente ler o texto dramático, mas ele foi criado para ser um guia da encenação. Por isso, é dividido em **cenas**, constituídas por:



diálogos, que são as falas dos personagens ao longo da história;



rubricas, que são as indicações de ação, tempo, espaço e intenção dos personagens.

Porém, uma peça de teatro não se constrói apenas com o texto, mas também com a soma de diversos elementos que a constituirão no palco: os atores, os figurinos, os cenários, a trilha sonora... Então, para fazer as peças “Rubi em cena” e “O mural” acontecerem, chame uma turma bacana que tope esse desafio com você. Ao montar seu grupo teatral, o primeiro passo é distribuir as funções necessárias para produzir o espetáculo.

Essas funções podem ser assumidas por uma pessoa ou por duplas ou trios que serão responsáveis por cada parte da montagem.

Vamos conhecer quais são elas?



O **diretor** é aquele que vai coordenar a montagem e direcionar como as cenas deverão ser encenadas.



Os **atores** são aqueles que vão subir no palco para representar os personagens. No início de cada texto, você pode conferir quantos personagens a peça tem e decidir quem vai entrar em cena.



O **figurinista** é quem fica responsável por decidir e criar as roupas que os personagens vão vestir.



O **cenógrafo** é quem vai cuidar dos cenários da peça. No início dos textos, você também vai encontrar em quais ambientes se passam as histórias.



O **iluminador**, como o nome diz, é quem fica responsável pela luz do espetáculo.



O **sonoplasta** é o responsável pelos sons e pela trilha sonora da peça.



Os **divulgadores do espetáculo** são fundamentais e criam materiais para promover a peça e atrair o público.

Distribuídas as funções de cada um do grupo, o próximo passo é fazer as leituras do texto. Nelas, todos vão conhecer a história e os atores — já com os personagens definidos —, suas falas. Quando estiverem bem seguros na relação com o texto, comecem os ensaios. O diretor é quem vai ajudar os atores a estruturar a cena e marcar as posições, as ações e os movimentos no palco. Ao longo desse processo, toda a equipe estará trabalhando para pensar nos cenários, nos figurinos, na luz e nos sons.

Vale, é claro, um tempo de dedicação nesses ensaios. Faça um cronograma com datas até o dia da estreia. Uma peça teatral vai se construindo a todo momento, pois sempre surge algo novo, uma descoberta que abre possibilidades.

Os divulgadores do espetáculo poderão criar *posts* sobre a peça para as redes sociais da escola, distribuir convites e espalhar cartazes por todos os cantos. Certamente, vai ser um acontecimento importante para as famílias e para a comunidade escolar.

Uma coisa importante de lembrar é que é possível fazer adaptações nas histórias que estão aqui no livro, considerando aspectos específicos da sua montagem. Você pode pensar, por exemplo, em uma nova dinâmica de cenários, criar outras ações a partir das marcações indicadas e até, se necessário, mudar características dos personagens de maneira a fazê-los se encaixar melhor com seu elenco.

Aí, depois de montar os dois textos deste livro, faço o convite a cada um para também escrever peças autorais que falem sobre questões e temas importantes sobre o que vivem e sobre os diversos sentimentos despertados nessa jornada do crescer.

Enfim, espero que vocês vivam intensamente essa aventura dos palcos! E... merda!

Peraí?! Merda? Calma, calma! Não é falta de educação, não. Você acredita que o pessoal do teatro deseja boa sorte dessa maneira? É verdade! Fica a dica para os curiosos de plantão pesquisarem na internet os motivos dessa felicitação aparentemente estranha.



**Rubi
em cena**

Sobre esta história

Rubi é uma adolescente tímida de treze anos que gosta de ficar no seu quarto, curtindo seu mundinho. Para incentivar a garota a se socializar, sua mãe, Salete, a inscreve em um curso de teatro na escola. Esse novo ambiente e a obrigação de maior convívio social surgem como um grande pesadelo na vida de Rubi, principalmente por conta da dupla Ivy e Manda, garotas que pegam no seu pé.

Decidida a não participar do curso, Rubi falta às aulas e se aproxima de Enturmado, um sujeito peculiar que vive tentando fazer amigos. Ele a ajuda a entender que a oportunidade que ela tem de interpretar a protagonista da peça que vai ser montada no curso pode transformar sua vida para além dos palcos.

Essa história trata da valorização da autoestima — tema essencial para ser discutido na adolescência — e aborda questões como afeto, amizades, *bullying* e relações do ambiente escolar. O papel da arte na construção da identidade e na formação do caráter humano também se destaca como viés importante nesta narrativa.

Personagens

Esta peça teatral possui seis personagens que surgem em cena. São eles:

Rubi: é a protagonista da história. Tímida e divertida, adora viver em seu mundinho, imersa em seus pensamentos. Tem dificuldade de se relacionar socialmente e não imagina que subir no palco, pouco a pouco, vai mudar completamente a sua vida.

Salete: é a mãe de Rubi e exatamente o oposto dela: falante, muito animada. Ela se intromete um pouco na vida da filha e lhe proporciona experiências que julga serem as melhores para a adolescente desabrochar.

Enturmado: é um garoto deslocado da escola de Rubi que quer encontrar uma turma para chamar de sua, o que lhe rendeu tal apelido.

Ivy: é uma das colegas de Rubi na turma de teatro. É espontânea e tem o sonho de ser estrela de uma websérie na internet. Fica furiosa quando Rubi se destaca no curso de teatro.

Manda: amiga de Ivy, as duas fazem comentários maldosos sobre o jeito e as ações de Rubi durante as aulas de teatro.

Professor: é ele quem comanda o curso de teatro da escola. Vê, em Rubi, um potencial que ela não acredita que possui.

Cenários

Cenas 1, 2, 4, 5, 7, 9 e 14: o quarto de Rubi.

Cenas 3, 10, 12 e 13: o auditório em que acontece o curso de teatro e em que a peça é apresentada.

Cenas 6 e 8: o terraço e os corredores da escola.

Cena 11: o camarim.

CENA 1

[UM OUTRO EU]

As luzes se acendem e RUBI e seu quarto são revelados. No centro do palco, está Rubi. Sozinha. Seu corpo indica introspecção e um grande incômodo. Com a cabeça baixa, arrasta um pé no chão. As mãos mostram nervosismo, seus dedos brincam entre si. Com muito custo, encara o público.

RUBI — Oi.

Ela cumprimenta o público rapidamente com um sorriso e um aceno envergonhados, e logo volta ao silêncio. Está um tanto impaciente. Respira fundo antes de continuar.

RUBI — Então... meu nome é Rubi.

Ela faz uma pausa outra vez. Está inquieta. Ela se esforça para continuar e, então, dispara a falar como quem quer que a situação termine o mais rápido possível.

RUBI — Ah, eu não sei me apresentar... sou ruim demais nisso. *(Pausa.)* A verdade é que eu nem sei quem eu sou direito. Será que eu devo contar como eu sou ou... *(Respiro.)* como os outros querem que eu seja?

Ela começa a caminhar de um lado para o outro rapidamente, balançando as mãos, falando sem parar, como se estivesse sozinha, conversando consigo mesma.

RUBI — Porque é isso o que acontece: tem eu e a Rubi. A Rubi e eu. Eu sou eu, o que sinto, o que eu penso. A Rubi é aquela que os outros vivem dizendo o que deveria ser e fazer. Ficam falando na escola que eu sou isso e aquilo. Sei lá, eu nunca sei muito bem o

que eu deveria ser de verdade. Fico meio confusa, sabe? Até dói de vez em quando aqui dentro.

Ela para e pensa.

RUBI — Credo!

Então, a menina encara o público.

RUBI — Será que mais alguém aqui se sente assim, hein?

Ela volta a caminhar.

RUBI — Minha mãe diria que é coisa de adolescente. Então é esse o problema? Ser adolescente? Nada! O problema é minha mãe dizer coisas e mais coisas e mais coisas e mais...

Ela volta a encarar o público.

RUBI — A mãe de vocês é assim? (*Respira.*) Ah, desculpa! Estou aqui fazendo um monte de perguntas e eu deveria estar contando um pouco ou “um muito” sobre mim. Tá bom. Ok. Vamos lá, vou falar o que eu sei ou pelo menos o que eu acho. Eu sou a Rubi, tenho treze anos e sou assim... humm... na minha. Meu lance é ficar no meu quarto. Gosto mais de ficar aqui do que no mundo lá fora. No meu quarto, tenho meu universo. Tenho a companhia dos meus livros, é o lugar em que assisto às minhas séries, ouço as minhas músicas. É o melhor lugar do mundo *ever!* Quando tenho que fazer algo fora daqui e não consigo escapar, vou contando os segundos para voltar. Tipo ir à escola, ou à psicóloga, ou ao passeio semanal com meus pais, ou aos encontros de família, que são os mais difíceis sempre, né? Etcétera, etcétera, etcétera.

Ela para e encara o público com uma expressão entediada.

RUBI — Aqui eu me basto. Já falei um zilhão de vezes pra minha mãe que a vida que eu tenho é a de que eu gosto, que está tudo

bem, mas cadê que ela acredita? Cadê que ela respeita? A sua mãe é assim também? A minha vive dizendo que eu tenho que isso, tenho que aquilo. Ter que, ter que, ter que... Ah, essas mães!

Rubi para no meio do palco e cruza os braços diante do público.

RUBI — Se eu pudesse, pudesse *mesmo*, eu seria uma terceira coisa, nem cá nem lá. Nem o que sou nem o que as pessoas querem que eu seja. Algo novo, porque eu cansei de viver essa vida de ser eu ao mesmo tempo que tenho que ser uma pessoa mais enturmada, mais falante, mais simpática, mais um monte de outras coisas.

Ela se senta em uma cadeira e relaxa. Olha para cima, com expressão sonhadora.

RUBI — Que sonho se eu pudesse ganhar uma vida novinha para mim! Que sonho! *Hummm*, deixa eu pensar: como é que ela poderia ser? Como *eu* poderia ser?

Rubi fecha os olhos e tenta relaxar, mas...

CENA 2

[MAIS UMA NOVIDADE DAQUELAS]

Na continuidade da cena anterior, uma mulher bem-vestida entra a passos firmes e corridos pelo palco, assustando a menina e a tirando do estado onírico. É SALETE, a mãe de Rubi.

SALETE — Rubi, Rubi!

A menina toma um susto e quase cai da cadeira. Recompõe-se e, irritada, fica parada na frente da mãe, que também paralisa.

RUBI — Fala, mãe!

SALETE — Ah, minha *joinha*, eu estou tão animada com uma coisa!

RUBI — Bom pra você...

SALETE — Não, filha! Bom pra *ocê*!

Rubi olha desconfiada para a mãe, que se desvia do foco da menina.

SALETE — Calma, calma! Você vai adorar essa novidade.

RUBI — Novidade? Outra? Eu não aguento mais você invadindo meu quarto com suas novidades. Sempre querendo mudar a minha vida. Cansei, dona Salet! *(Rubi encaminha a mãe para fora do seu quarto.)* Já me bastam o acampamento nas férias para eu aprender a dormir sozinha longe de casa, o desafio da tirolesa para me fazer perder o medo, a cartomante para saber qual é o meu futuro...

SALETE *(Tentando conter a filha.)* — Rubi, pera! Eu acho que a cartomante pode estar certa, de verdade. Ela viu lá nas cartas que você seria uma estrela!

RUBI (*Entediada.*) — Ah, me poupe, mãe!

SALETE — Por favor, Rubi, me escuta! Deixa eu te contar uma coisa boa que descobri.

RUBI — Ah mãe, é que... (*Ela se desarma.*) Tá, eu sei que deve ser difícil pra você ser mãe de uma adolescente como eu. Essa concha. Ainda mais você que é toda...

SALETE (*Cortando a fala da filha.*) — Olha o que vai falar, menina. Sou sua mãe!

RUBI — ... toda animada! É, acho que é isso... você é animada demais com tudo. Olha que paz é esse quarto, mãe. (*Ela para de falar, fecha os olhos e sorri.*) Tá ouvindo?

A mãe estranha.

SALETE — O quê?

RUBI — O silêncio!

SALETE — Rubi, minha *joinha*, para com isso! Você tem que viver coisas, conhecer pessoas, ter um namoradinho...

RUBI (*Cortando-a.*) — Credo mãe! Pode parar com isso....

Salete, então, estica o braço em direção à filha e mostra para ela um panfleto.

SALETE — Toma!

Rubi olha para o papel, mas não o pega. Encara, desconfiada, a mãe.

SALETE (*Insistindo.*) — Vai, pega! Eu encontrei esse curso. Foi feitinho pra você, minha filha. É tudo de que você precisa para desabrochar.

Rubi pega o papel e o lê, apreensiva.

RUBI — Teatro?

SALETE — Teatro!

RUBI — Como assim?

SALETE — Assim-assim, ué?! Um curso de teatro, lá da sua escola, que vai fazer você se soltar. Não é o máximo? Você vai expandir os horizontes, conhecer pessoas, ver que a vida é muito mais do que este quarto. Aliás, Rubi, abre essa janela, pelo amor de Deus!

Enquanto a mãe sai de cena, Rubi trava em seu lugar. Faz não com a cabeça.

RUBI — Eu sinceramente acho que este quarto está ótimo pra mim...

SALETE (*Em off, já fora de cena.*) — Eu só tenho uma coisa a dizer, minha *joinha*: parabéns, você já está inscrita no curso de teatro!

Rubi fica sozinha no centro do palco. A luz está unicamente em cima dela.

RUBI — Eu? No palco? (*Pausa.*) Ah, nunca! Nunca!

As luzes se apagam.

CENA 3

[EU NO PALCO]

As luzes se acendem e Rubi está na mesma posição da cena anterior. Ela está nervosa, tremendo. Não está mais em seu quarto, mas sim no palco de um auditório. À direita dela, vemos duas meninas — IVY e MANDA — sentadas em um canto, bem próximas, cochichando, e o PROFESSOR, de frente para Rubi, olhando para ela.

RUBI — Eu acho que eu não deveria estar aqui, sabe?

PROFESSOR — Calma, Rubi, está tudo bem. Só nos conte por que você resolveu fazer as aulas de teatro.

IVY (*Resmungando.*) — Pelamor, que ela tenha uma boa explicação...

MANDA (*Comenta com a amiga.*) — Essa não tem brilho nenhum. Como pode?

RUBI — É... na verdade... na verdade... não fui eu.

IVY — Caso clássico de mãe frustrada que acha que filha nada a ver vai fazer sucesso.

PROFESSOR (*Volta-se para as garotas que estão sentadas.*) — Meninas, por favor... (*Volta-se novamente para Rubi.*) Rubi, é normal ficar nervosa na primeira vez que se sobe no palco. Mas eu te garanto que, em breve, você vai se sentir muito bem aqui.

MANDA (*Falando para si mesma.*) — Nós é que não vamos...

O professor olha feio para a menina que fez o comentário e volta a falar com Rubi.

PROFESSOR — O teatro ajuda muito, muito mesmo, adolescentes tímidos como você.

O professor paralisa. A cena toda paralisa. Apenas Rubi consegue se movimentar. Ela se volta para o público, como quem inicia uma conversa sincera.

RUBI — Adolescentes tímidos *como eu*? Sinceramente, acho que não é bem nessa categoria que eu me encaixo. Eu *nunca* tinha me classificado assim. Sempre fui extrovertida, faladora, todos riam comigo. Agora as pessoas riem *de mim*. Não sei o que aconteceu, mas fui crescendo e alguma coisa mudou, mudou muito. Meu corpo e meu jeito de andar ficaram esquisitos, nasceu em mim uma vontade enorme de ficar longe de todo mundo, mais quieta. Não sei explicar. Minha mãe ficou bem assustada, talvez por isso queira tanto me resgatar sei lá de onde. Será que eu me encaixo no perfil de uma adolescente tímida? Ou no de uma adolescente nada, nada, nada a ver, como todo mundo fala na escola? *(Pausa.)* Todo mundo fala isso. E eu sei. Mas prefiro fingir que não.

Rubi volta ao mesmo lugar que estava antes do breve monólogo.

PROFESSOR — Obrigado, Rubi. Seja bem-vinda. Tenho certeza de que, aos poucos, você vai se encantar com o teatro.

Rubi sai de cena e segue para o canto direito do palco, perto das meninas, onde fica de pé, observando a sequência da cena.

PROFESSOR — Agora, Ivy. Por favor, pode se apresentar.

Ivy se levanta toda vaidosa, caminha sorridente até o centro do palco, brinca com a amiga e Manda a aplaude.

IVY — Já posso falar? Câmeras ligadas?

PROFESSOR — Claro, mas lembre-se de que aqui é um palco, não

tem câmera. Então, Ivy, me conte por que você decidiu fazer este curso de teatro.

IVY para e encara o professor, incrédula.

IVY — Ai... é cada pergunta! Bom, mas vamos lá... o negócio é que desde pequenininha eu tenho um lance único, um brilho, um *tcham*. Saca? *Tcham*? Todo mundo na família repete isto: essa menina é diferente. Vai ser estrela. E não tem jeito: ou se tem isso ou não se tem, né, Rubi? Ela é tão fofa, né? Mas bom, voltando pra mim... aqui estou, no palco, como todos previram. Tenho tudo pra arrebentar, pra ser destaque, pra receber aplausos, aplausos e mais aplausos. Eu quero ter uma base aqui, sabe, *prô*, pra poder me sair melhor na websérie que vou fazer com o Zamug do nono ano. Você conhece ele? Ganhou um *celu* animal, que filma tipo de um jeito megatecnológico e lançou essa: “E aí, Ivynha, não quer ser a estrela da minha série?”. E eu respondi na hora pra ele: “Claro, Zamug!”. Daí eu vi o seu curso, *prô*, achei que era uma boa pra não fazer feio na minha estreia nas telas. Na verdade, assim, fazer feio eu já não ia...

PROFESSOR (*Cortando-a.*) — Ótimo, Ivy. Vai ser muito bom ter você aqui.

Ele, então, procura na lista outro nome. Ivy sai da posição e caminha até Rubi.

IVY — Se tiver a fim, posso ver se tem figuração na série do Zamug. Interessa, meu bem?

Ivy deixa Rubi para trás, rindo dela. Rubi fica irritada. Tudo paralisa e a iluminação fica apenas em Rubi, que volta a conversar com o público.

RUBI — Não, não, não e não! De jeito nenhum! Vou dar um jeito de sumir dessas aulas, vou mesmo!

As luzes se apagam.

CENA 4

[A HORA DA ESTRELA]

Rubi e Salete estão no quarto de Rubi, frente a frente, no centro do palco, quando as luzes se acendem novamente.

SALETE — De jeito nenhum, *joinha!* Esse curso de teatro está te fazendo tão, tão bem!

RUBI — Bem, mãe? Onde você está vendo isso? É terrível sair da última aula sonhando com minha cama, com um novo episódio do meu seriado preferido, com um belo sanduíche com refri à tarde e ter que esperar um tempão pra ir àquele curso e as pessoas ficarem rindo da minha falta de talento. Onde isso me faz bem, mãe?

SALETE — Você é muito exagerada, Rubi. Falta de talento? Quando você era pequenininha, adorava fazer umas apresentações aqui em casa.

RUBI — Mãe, eu cresci! Não sou mais pequenininha!

SALETE — Mas eu sinto seu talento nato, *joinha*. E tem a cartoman...

RUBI — Mãe, por favor! Esquece aquela mulher! Me dá a chance de sair daquele curso?

SALETE — Você que se dê essa chance, Rubi. Eu lembro direitinho que ela falou que você seria uma estrela.

RUBI — Onde já se viu? Deve ter viajado.

As luzes se apagam assim que termina a fala de Rubi.

Em um movimento rápido do elenco, Salete sai de cena e entra o professor. Quando as luzes se acendem novamente, é ele quem está no palco. O professor caminha de um lado para o outro, enquanto Ivy e Manda entram em cena. Elas e Rubi ouvem atentamente o professor.

PROFESSOR — Eu estive pensando bastante esta semana, meninas. Tenho observado vocês, todas têm muito talento e tudo mais. Decidi, então, que quem vai ficar com o papel da Petra é a Rubi.

Ninguém entende e elas se olham. Rubi, Ivy e Manda ficam em choque.

IVY — Mas prô... peraí!

MANDA — Mas a Petra é a protagonista-heroína-poderosa da peça!

IVY — É, professor, deve ter alguma coisa errada aí.

PROFESSOR — Não, meninas, não tem nada de errado na minha decisão. Foi isso mesmo que vocês ouviram: a Rubi vai ficar com o papel da Petra.

IVY — Mas...

O professor distribui os textos.

PROFESSOR — Nem mais nem menos. Vamos começar a ler os textos.

A cena paralisa mais uma vez. Rubi volta-se para o público, com quem conversa.

RUBI — Ah, mais essa agora! Eu fui escolhida para fazer o papel da Petra, a protagonista da peça que vamos montar aqui no curso. Por que o professor tomou essa decisão? Não faço a menor ideia. Só ficava me lembrando da senhorinha cartomante. E se ela tiver

razão? Ai, meu Deus! E o pior é que ele me deixou em maus lençóis com as meninas aqui, que já não iam com minha cara. Vocês não têm ideia de como elas se esforçaram pra conseguir esse papel.

O foco sai de Rubi e vai para Ivy e Manda, que se movimentam para o centro do palco. Vamos ver trechos das apresentações delas. Elas são forçadas e histriônicas, o que traz um viés cômico para a apresentação no papel da protagonista. Rubi assiste a tudo.

IVY — “Esperem todos. Ó, estou aqui planejando o que precisamos fazer para resolver esta situação. Não é fácil administrar tantas pessoas em um caso como este. Mas eu, Petra, estou aqui para dar um jeito em tudo.”

MANDA — “Meu amor, meu amor, eu não acredito que você veio. Eu estava, ah!, com tanta, tanta saudade. Agora nossa vida vai mudar por completo.”

Depois desses momentos de interpretação, o foco volta para Rubi, que conversa com o público.

RUBI — É, talvez elas sejam um pouco exageradas. E parece que não entenderam muito bem a personagem. A Petra é apenas uma jovem que precisa resolver um mistério, um roubo que aconteceu na classe dela e, no fim, acaba se apaixonando pelo Jean, um garoto que lhe oferece ajuda... *(Rubi para e pensa.)* Mas pera! Eu não tinha me dado conta disso. Tem o Jean! Ela se apaixona por ele. *(Rubi pega o texto e começa a folheá-lo desesperadamente.)* Ah, não tem cena de beijo, né? Não tem, não tem, não tem... *(Então, para em uma página.)* Tem! Tem cena de beijo. *(Ela faz uma careta.)* Eeeeeca!

Confusa, anda de um lado para o outro, como se estivesse procurando algo.

RUBI — Não pode ser. Quem vai interpretar esse tal de Jean? Quem? Não posso continuar aqui, não posso. É demais pra mim, demais!

Então, o professor surge na frente dela.

RUBI — Não posso, não quero, professor! Me dê outro papel. Só assim vou continuar...

PROFESSOR — Calma, Rubi. Vai dar tudo certo. Confie em você. Tenho certeza de que esta experiência vai mudar a sua vida!

Rubi olha para o público, desesperada.

RUBI — Não, eu não quero. Vai que dá tudo errado?

As luzes se apagam.

[TANTAS MUDANÇAS]

Quando as luzes se acendem, Rubi está em seu quarto. Tem em mãos um bloco de papel, que é o texto da peça que precisa decorar. Ela anda de um lado para o outro dizendo uma fala, tentando se lembrar do texto.

RUBI — “Então, eu descobri, enfim, quem é o culpado.” Não, não é isso. Vamos lá, Rubi, se concentra! “Então, é você o grande culpado.” *Peraí*, será que está certo? Coloca a entonação, interpreta, se lembra do que o professor falou. “Você, eu sempre soube, é o grande culpado.”

Ela se irrita e desaba em uma cadeira.

RUBI — Não, não, não, mil vezes não! Eu não nasci pra isso. Estou péssima. *Estou*, não, *sou* péssima. Mas, ao mesmo tempo, a Petra é tão legal.

Ela se recompõe na cadeira e, fazendo as pazes com o texto, o folheia.

RUBI — A Petra tem um jeito forte, um jeito tão decidido que eu gostaria tanto de ter. Ai, dá até inveja! Eu amei a personagem, juro. Comecei a ler e reler o texto e fui me encantando com o jeito curioso, perspicaz, corajoso dela. Era tudo o que eu queria ser. Mas quando que eu podia ser como ela? Eu, a menina quieta, tímida, estranha? Eu não tinha nenhuma expectativa de ganhar o papel, até porque meu objetivo mesmo era fugir do curso. Deixa eu falar baixo, porque se minha mãe me ouve, entra aqui gritando: “De jeito nenhum!”. E eu ia querer argumentar e tal e ela ia dizer que está tudo bem e que era coisa da adolescência e que para tudo se dá um jeito.

Rubi encara o público.

RUBI — Será mesmo? Será que toda essa pressão pra gente ser alguma coisa passa depois que a adolescência vai embora? Por que não é fácil ter treze anos, viu? Tanta coisa acontecendo dentro de mim, tantos pensamentos, tantos sentimentos, tantas expectativas.

Ela volta a folhear o texto.

RUBI — “Cena 15: Petra e Jean, então, se beijam.” Ainda tem essa: um beijo. O meu primeiro beijo vai ser no palco. Ai, que nervoso! E esse mistério todo de quem vai interpretar o Jean...

Rubi fica nervosa, anda de um lado para o outro com a mão no peito.

RUBI — Não vai dar mesmo! Eu não volto para esse curso. Vou dar um jeito de escapar e ir pra outro lugar. Ficar escondida no horário do curso. Minha mãe não vai descobrir, não vai. E se descobrir, se isso acontecer, eu dou um jeito e falo tudo o que estou sentindo. Como a Petra faria! Eu só não posso ficar sofrendo. Não mesmo!

Rubi, decidida, sai de cena.

As luzes se apagam.

CENA 6

[TALENTO]

Quando as luzes se acendem, Rubi caminha como se fosse a fugitiva de um crime. Carrega uma mochila e olha para todos os cantos, sempre atenta à movimentação e com medo de ser flagrada. Então, segue até a ponta esquerda do palco, onde se sente segura. Olha para o horizonte.

RUBI — Nossa, eu não conhecia essa parte do colégio. Que terraço gostoso! E que vista, hein? Será que ninguém conhece este lugar? Será que é seguro ficar aqui? Se for, este lugar é um achado!

Rubi para e percebe sua fala. Sorri para si mesma, achando graça. Então, emenda um texto, em uma interpretação divertida, como se fosse uma brincadeira solitária.

RUBI — “Sim, é um achado! Esta pista era a que estava faltando para fecharmos o caso. Bom, meus queridos colegas, então todo o esforço que eu, Petra, fiz não foi à toa. Chegou a grande hora de descobrirmos...”

Rubi para e ri sozinha.

RUBI — Nossa, nem tinha percebido o quanto já havia decorado do texto da peça... Petra diz coisas que eu gostaria de dizer, se relaciona com as pessoas do jeito que eu tenho vontade de me relacionar. Achei estranho, é verdade, mas essa coisa de interpretar um papel me dava um prazer também. Falar tudo aquilo era divertido. O problema era fazer aquilo na frente de todo mundo. Ah, sei lá! Viagem minha eu acho, sabe? Estou decidida, mais do que decidida de que o palco não é o meu lugar! Onde já se viu? E aquela cartomante fajuta? Mamãe deu de acreditar nela. Nada a ver.

De repente, Rubi para a sua fala e percebe que está sendo observada. ENTURMADO está diante dela. Ela toma um susto ao vê-lo.

ENTURMADO — Falando sozinha, é?

Rubi se encolhe, envergonhada. Dá um passo para trás, sem dar confiança ao sujeito.

ENTURMADO — Estava, sim, falando sozinha que eu vi. Eu queria saber quem é o tal culpado de que você estava falando. Aconteceu um roubo? Um assassinato? Foi aqui no colégio?

RUBI — Ei, você está viajando!

ENTURMADO — Não estou, não! Eu ouvi tudinho. Eu posso te ajudar a solucionar o caso.

RUBI — Fica em paz, garoto. Isso não passa de uma história, é ficção.

ENTURMADO — História de ficção? Como assim?

RUBI — *Detetive Petra e o grande caso do roubo no Colégio Montemor.* É uma peça de teatro.

ENTURMADO — UOU! Você é atriz, hein? *(Ele para e olha bem para Rubi.)* Olha, você mais parece uma aluna aqui da escola que eu vi várias vezes.

RUBI — Sou eu mesma. É essa peça que está sendo montada no curso de teatro aqui da escola.

ENTURMADO *(Olhando e apontando para o relógio.)* — Que, no caso, é bem agora?

RUBI — Sim...

ENTURMADO — E você está fazendo o curso?

RUBI — Sim. Teoricamente.

ENTURMADO — Você não deveria estar lá no auditório?

RUBI (*Irritada.*) — Você pergunta demais, viu?

ENTURMADO — É, na verdade, eu sou conhecido aqui na escola por saber de tudo o que está rolando. Por isso fiquei surpreso quando você falou sobre um caso misterioso. Eu não estava sabendo e tal...

RUBI (*Olha para o menino, reconhecendo-o.*) — Você não é o... (*Ela tenta se lembrar.*) Aquele menino que as pessoas chamam de... como é mesmo? (*Ela se lembra.*) Sim, você é o Enturmado!

ENTURMADO — Não era desse jeito que eu gostaria de ser conhecido pelas pessoas, mas é, sou esse aí mesmo.

RUBI — Me disseram que você fica tentando ser amigo de todo mundo.

ENTURMADO — Intriga da oposição! É que eu sou simpático demais, coisa natural minha, nasci assim.

RUBI — Ahn...

ENTURMADO — Você é que não tem muitos amigos, né? Sempre vejo você sozinha no intervalo com um fone, cantando “Let’s go, people!” e comendo bolacha de aveia.

Rubi para e olha para o público, assustada.

RUBI — Ei, ele ficava me seguindo? Ai, que medo! Mas aí, logo depois, tive um medo ainda maior (*Ela encara Enturmado, que está*

ao seu lado.) Será que eu era meio que igual a ele, uma pessoa por quem ninguém se interessava? Será que éramos os dois únicos solitários da escola?

Ela afasta os pensamentos e volta para o diálogo.

RUBI (*Incomodada.*) — Você repara demais em mim!

ENTURMADO — Só não estou lembrando o seu nome. (*Ele faz força para lembrar.*) Não é Esmeralda ou coisa do tipo?

RUBI — Rubi!

ENTURMADO — Ah, sabia que era tipo uma pedra preciosa!

Rubi ri, sem graça.

ENTURMADO — Mas você não me explicou o que está fazendo aqui bem na hora do seu curso de teatro.

RUBI — Então, na verdade... tô fugindo da aula.

ENTURMADO — Mas isso é muito bom!

RUBI — Como assim?

ENTURMADO — Gostei da atitude!

RUBI (*Rindo.*) — Olha, finalmente alguém disse que eu tenho atitude. Essa eu nunca tinha ouvido. Só estou tentando escapar dessa enrascada em que minha mãe me meteu. Ela inventou de me inscrever nesse curso de teatro porque diz que eu sou muito tímida, preciso abrir meus horizontes e *blá-blá-blá*. Mas o palco não é o meu lugar, ficar ali, exposta, falando palavras que não são minhas. Pra quê? Eu queria mesmo era ficar de boa em casa. (*Rubi para e se pergunta:)* Ei, por que eu estou falando tudo isso pra você?

ENTURMADO (*Sorrindo.*) — Viu? Não sou eu quem procuro as pessoas, elas que se sentem atraídas por mim e ficam confortáveis em se abrir comigo. Fica à vontade, Rubi, acho que já somos amigos.

RUBI — Não, acho que não. Desculpa, eu preciso ir.

ENTURMADO — Vai pra aula de teatro?

RUBI — Eu não sei se deveria ficar respondendo a tudo o que você pergunta. Você é muito enxerido.

ENTURMADO — Eu trocaria esse adjetivo por... encantador!

RUBI — Não, não vou voltar pro curso de teatro. Nesse horário já consigo chegar em casa sem que ninguém desconfie que eu cabulei a aula.

ENTURMADO — É isso aí! *Atituuuuude!*

Rubi ri, sem graça.

RUBI — Então, tchau!

ENTURMADO — Antes de eu te dizer tchau, Rubi, preciso ser sincero com você.

RUBI — Oi?

ENTURMADO — Saiba que você é uma grande atriz!

RUBI — E você é um bajulador mesmo!

ENTURMADO — Alguém já te disse que você tem potencial pra ser uma estrela?

RUBI — Ah, não! Você também?

ENTURMADO — Então alguém já percebeu esse seu talento? Não fui o primeiro?

RUBI — Uma cartomante certamente comentou com minha mãe... uma viagem sem fim!

ENTURMADO — Não, não! Ela estava certíssima! Você é uma atriz nata! (*Enturmado se empolga.*) Eu estava vendo você declamar o texto. É natural, parece que as palavras são suas. Você se apropria da personagem, a gente se envolve. As palavras saltam suavemente da sua boca. Você sabe respirar na hora certa para dar a tensão necessária. Eu fiquei aqui querendo descobrir quem era o tal culpado. Fiquei preso em você. Olha, você está de parabéns. (*Ele começa a bater palmas.*) Merecia ser a protagonista da peça.

RUBI — Tipo, eu sou. Ou era... até porque não fui mais pro curso.

ENTURMADO — Como assim? Você está jogando essa chance de ouro fora, Rubi? Se eu tivesse a oportunidade de todo mundo me ver, me aplaudir...

RUBI — Então vai lá no meu lugar, cara. Eu não sou essa pessoa. Agora, desculpa, preciso ir embora.

Rubi sai de cena.

ENTURMADO (*Falando sozinho.*) — Sabe que não é má ideia...

Enturmado sai de cena com um sorrisinho no rosto, pensativo.

As luzes se apagam.

CENA 7

[TUDO JUNTO AO MESMO TEMPO]

Quando as luzes se acendem novamente, Rubi está no seu quarto, sentada em uma cadeira, pensativa, no centro do palco.

RUBI — Não pode ser. Não! Ele... ah...

Ela se movimenta na cadeira, está inquieta.

RUBI — Ele é só o Enturmado. E o Enturmado é o *En-tur-ma-do*. Um nada a ver como...

Ela se levanta e vai se encarar no espelho.

RUBI — Será que eu sou boa mesmo? Será que eu consigo ser... atriz?

Ela foge de si no espelho. Caminha de um lado para o outro no palco.

RUBI — Não, Rubi, não tem nada a ver. Você é essa menina aí, tímida. Você sabe quem você é. E sabe muito bem que a Ivy e a Manda têm mais potencial que você. Elas sabem entrar no palco, se colocar, fazer e acontecer com brilho e beleza. Elas merecem a Petra!

Ela para, respira. Encara o texto na cadeira e o pega.

RUBI — Mas e eu?

Ela faz que não com a cabeça.

RUBI — Só me faltava *você* começar a acreditar naquela cartomante e no Enturmado. Enlouqueceu, né?

Ela, então, com raiva, começa a amassar o texto e é neste exato momento que sua mãe, como de costume, avança pelo quarto. Ela corre para acalmar a filha.

SALETE — Rubi! O que está acontecendo? Não estou te reconhecendo. Calma, calma! Acabei de receber uma ligação lá da escola dizendo que *você* não apareceu na aula de teatro hoje. E nem nas semanas anteriores. Rubi, minha filha, *você* tem responsabilidades, né? Não me decepcione...

Rubi encara a mãe.

RUBI — Eu não nasci pra isso, mãe! Eu não quero isso pra mim.

As duas ficam frente a frente, em silêncio, por um instante.

RUBI — Eu me sinto desajeitada no mundo, sem lugar, sem saber qual é meu papel aqui embaixo, imagina em cima do palco. É um sofrimento perceber as pessoas me olhando, comentando as coisas que eu faço, o que eu falo. *Você* acredita que aquele maluco do professor me colocou no papel da Petra? *Você* sabe quem é a Petra, mãe? A protagonista da peça! A protagonista! Eu nunca vou ser a protagonista de nada...

Após o desabafo, Salete fica em silêncio encarando a filha, um tanto preocupada.

SALETE — Rubi, *você* tem noção do que está falando?

A cena paralisa. Rubi volta-se para o público.

RUBI — Não, eu não tinha. E *vocês* acham que alguma adolescente tem noção do que está falando ou sentindo? Quanta coisa aqui

dentro, quanta confusão! Às vezes, eu quero ser a Petra. Outras vezes, tenho raiva dela. Ela diz coisas que eu queria dizer, mas quando tudo vem à minha boca, lá no palco, tenho vergonha, quero me esconder. Cheguei a ficar com ódio de minha mãe ter me inscrito no curso de teatro. Mas, ao mesmo tempo, sinto que foi legal, confesso. Esse lance de poder assumir meus próprios pensamentos, minhas vontades, as coisas que eu quero, é tudo muito, muito estranho. Antes não era assim, eu ficava quietinha e tudo bem. Agora todo mundo fala o que eu tenho que ser. E eu odeio isso. Ao mesmo tempo que eu acho que ando querendo ser... ser diferente.

Ela volta a encarar a mãe. Antes de conversar com ela, volta-se para o público.

RUBI — Eu ando querendo ser diferente. Diferente de quem? Do quê? Será que eu consigo?

A cena volta a acontecer.

SALETE — Tem, Rubi? Tem noção?

RUBI — Desculpa, mãe. Eu sei que você está fazendo isso pelo meu bem. Prometo que não vou faltar mais no curso de teatro. Prometo!

Salette observa a filha sair de cena. As luzes se apagam.

CENA 8

[QUAL É O SEU PAPEL?]

Rubi está caminhando com sua mochila nas costas em um corredor da escola. De repente, Enturmado aparece na frente dela, dando-lhe um susto.

ENTURMADO — E aí, querida? Tudo bem? Vai voltar pro curso de teatro hoje?

Rubi passa reto e responde sem lhe dar tanta atenção.

RUBI — Olha, carinha, acho que aquele não é mesmo o meu lugar.

ENTURMADO — Eu acho que todo mundo pode fazer o seu lugar.

Rubi para e o encara.

RUBI — Jura?

ENTURMADO — Pelo menos é o que eu tento fazer. Achar o meu espaço, estar onde eu quero estar.

RUBI (*Irônica.*) — É por isso que te chamam de Enturmado...

Enturmado fica cabisbaixo.

ENTURMADO (*Confessa.*) — É que eu só queria ser visto, sabe? Ter amigos e tal. Mas talvez eu não seja mesmo um cara legal, interessante. Meto os pés pelas mãos com os tantos “Oi, tudo bem?” que espalho por aí, tentando encontrar um lugar para mim. É difícil, de verdade.

Rubi paralisa diante da fala do garoto. O clima fica um pouco pesado. Mas, então, Enturmado abre um sorriso, quebrando o gelo.

ENTURMADO — Mas olha, Rubi, eu soube pegar o papel que deram pra mim e usá-lo a meu favor. Tá legal, então, sou o Enturmado. Sabe que eu até ando conseguindo algumas coisas? Você tá ligada na festa do Alvinho que vai rolar mês que vem?

RUBI — Ninguém fala em outra coisa.

ENTURMADO — Você vai?

RUBI — Eu? *Rá, rá, rá!* Você acha que ele me convidaria pra festa?

ENTURMADO — Pois bem, Rubi. É disso que eu tô falando. Ninguém me convidaria, mas como eu sou *o Enturmado*, fui lá, me enturmei e me convidaram. Já tô até pensando no *look*. Aceitei que sou esse cara, sabe? E tudo bem.

Rubi olha surpresa para Enturmado.

RUBI — Nossa...

ENTURMADO — Vai, assume esse papel que te deram, Rubi!

Ivy e Manda, de braços dados, cruzam o palco e passam por Rubi e Enturmado. Assim que elas se aproximam dos dois, comentam.

IVY — Ih, teve gente que não conseguiu dar conta do peso de ser uma protagonista. Sabia, amiga?

MANDA — Tô sabendo, sim. Não é fácil mesmo ser uma estrela. Coisa que nós podemos ser, né, amiga?

IVY — Certeza, Manda. Não vejo a hora da nossa próxima aula porque o professor vai definir quem é a garota que vai ficar com o papel da Petra.

MANDA — Mas o que será que aconteceu com nossa colega que sumiu, assim, do nada?

IVY — Deve estar tentando se enturmar em lugares que têm mais a ver com ela.

Elas saem do palco rindo e Enturmado olha para Rubi.

ENTURMADO — E aí, quem é que vai escolher seu lugar? Elas ou você, hein, Rubi?

Rubi fica aflita. Dá um abraço apertado em Enturmado e sai de cena rapidamente.

Ele fica parado, em êxtase.

As luzes se apagam.

CENA 9

[PETRA]

Quando as luzes se acendem, Rubi está em seu quarto. Procura algo por todos os cantos. Encontra, depois de um certo tempo, algumas folhas amassadas. Ela tenta desamassá-las, as encara e grita:

RUBI — Petra!

Como se fosse fruto da sua imaginação, Ivy e Manda surgem num canto do palco cochichando e rindo dela.

IVY — Imagina se ela consegue?

MANDA — Nunca, nunquinha. Aqui não é o lugar dela.

Rubi fecha os olhos, chacoalha a cabeça, como se quisesse fazer aquele pensamento desaparecer. As meninas saem de cena. Rubi, então, se volta para o texto em suas mãos e começa a lê-lo.

RUBI — “Como consigo tudo isso? Ah, é simples: eu acredito em mim. Sigo minha intuição, meu faro. Aí, desse jeito, vou achando os caminhos para solucionar os casos. Este lance de confiar nas coisas é o segredo de tudo.”

Rubi vira outra página e continua a leitura.

RUBI — “Você acha que eu tenho medo? Tenho, claro, sou um ser humano. Mas não deixo o medo me paralisar. Afinal, sei qual é minha missão e muita gente conta comigo.”

Rubi lê mais um trecho. Ela esquece a página e começa a falar o texto decorado.

RUBI — “Meu nome é Petra e vou conseguir cumprir meu objetivo. Tenho que resolver esta situação o quanto antes e ninguém vai me impedir!”

Então, ao lado de Rubi, no palco, como fruto de sua imaginação, surge Enturmado. Ele sorri ao vê-la dizer o texto da peça, a aplaude e conversa com ela.

ENTURMADO — Jura que você vai perder a oportunidade de viver esse papel? E se o palco for realmente o seu lugar?

As luzes se apagam.

CENA 10

[UM ALIADO]

As luzes se acendem. Ivy, Manda e o professor estão no palco do auditório. Ivy e Manda estão no centro de braços cruzados, como se estivessem enfrentando-se.

IVY — Garota, é sério que você ainda não entendeu que o papel da Petra só pode ser meu?

MANDA — Você está é viajando mesmo! Para de insistir que tá ficando o maior clima com o profe. Ele já decidiu que eu vou ser a Petra e você está constrangendo ele.

IVY — Estudei dias e noites, estou nesta luta, vou ser a protagonista da série do Zamug. Este é o *meu* caminho!

MANDA — Ih, então pode trilhar outra rota, meu bem (*Manda procura o celular no bolso.*) Recebi esta mensagem do Zamug ontem. Ele descobriu que eu estou fazendo teatro e me prometeu um papel de destaque na série dele.

IVY (*Cheia de raiva, sem acreditar.*) — Ah, sua traíra! Seus traíras! Vocês dois!

PROFESSOR (*Meio desconcertado.*) — Meninas, não é hora de brigar. Vamos com calma. A verdade é que vocês fizeram o teste para o papel da Petra, mas eu não decidi quem vai interpretá-la. Eu ainda acho que o perfil dela...

Rubi entra no palco correndo.

PROFESSOR — Rubi! Ufa...

Ao verem Rubi caminhar até o professor, Ivy e Manda viram-se em direção aos dois ao mesmo tempo.

RUBI — Desculpe pelo sumiço, professor.

PROFESSOR — Imagine! É muito bom ver você por aqui novamente. Está tudo bem?

RUBI — Está, sim. Muita coisa acontecendo na minha cabeça, sabe? Sei lá. Aí tive que faltar uns dias, mas estou aqui de novo.

IVY — Irresponsável!

MANDA — Para ser atriz tem que ter comprometimento. Todo o elenco ficou te esperando.

RUBI — Desculpa...

O professor ignora as garotas e segue falando apenas com Rubi.

PROFESSOR — Então, vamos pro ensaio?

RUBI — Sim, claro. Com qual papel eu fico?

PROFESSOR — Como assim, com qual papel? Com a Petra, claro!

RUBI — Mas... você não escolheu outra pessoa?

PROFESSOR (*Cortando-a.*) — Rubi, este papel é e sempre será seu.

RUBI — Ai, não sei...

IVY — Olha aí, ela nem sabe de nada. De repente surta de novo, abandona tudo e como a gente fica?

MANDA — Eu acho um absurdo!

Então, Enturmado aparece no palco.

ENTURMADO — Eu discordo dessas meninas. Conheço Rubi muito bem. Encontrei com ela várias vezes aí pelos corredores da escola e ela estava com o texto na mão, ensaiando as falas da Petra sem parar. Eu fiquei impressionado a primeira vez que a vi interpretando a personagem. Que talento, que talento! Completamente inteira, entendendo o que cada palavra dizia, dando sentido a cada uma delas. Rubi conseguiu se apropriar da personagem, tem segurança, presença de palco. É uma atriz completa! Desculpe dar meu voto, caro professor, mas não há pessoa melhor nesta turma para ser a protagonista do nosso espetáculo que a Rubi.

IVY — O que ele está falando? Por que está se metendo nisso?

MANDA — É aquele garoto chato!

Rubi fica chocada com o que vê e ouve.

RUBI — O que você está fazendo aqui, Enturmado?

PROFESSOR — Ah, deixa eu te apresentar. Se bem que, pelo que parece, vocês já se cruzaram por aí. Este é o Esdras, nosso novo companheiro. Entrou na turma nesses dias que você faltou.

RUBI — Jura que você veio fazer o curso de teatro? Por quê?

ENTURMADO — Ué, achei que era uma boa turma para se... enturmar! Talvez este também pudesse ser o meu lugar. Por que não?

Rubi sorri para Enturmado.

As luzes se apagam.

A trilha sonora sobe.

CENA 11

[BASTIDORES]

O cenário emula um ambiente de camarim. É a noite da estreia do espetáculo. Rubi termina de se arrumar, está vestida com o figurino, algo parecido com uma roupa de detetive, se olhando em um espelho.

RUBI — Quanta coisa mudou, hein, Rubi? Daquele dia em que sua mãe disse que você deveria entrar num curso de teatro para hoje, o dia da estreia do espetáculo. Pois é, tem que dar o braço a torcer. Apesar de um tanto intrometidas, apesar de encherem um tanto a paciência, as mães sabem lá alguma coisa sobre seus filhos.

Ela ajeita a roupa.

RUBI — É muito maluco isso! Ao mesmo tempo que não gostava de ser olhada, de ter os outros palpitando na minha vida, foram eles que conseguiram me enxergar por completo. E foi aí que me dei conta de que, se eu ficasse no quarto, como eu queria, nunca seria eu por inteiro.

Ela continua se olhando no espelho.

RUBI — Agora, eu aqui, vestida de Petra, essa personagem encantadora que me encontrou. Fiquei pensando esse tempo todo que bonito esse lance da arte, né? Pessoas inventadas são capazes de nos dizer tanto, nos ensinar tanto, nos transformar tanto. Aconteceu uma troca entre mim e Petra. Eu também pude acrescentar algo na vida dela. Assim, nós duas, juntas, nos tornamos uma terceira pessoa. E talvez, agora, desse jeito, eu consiga também ser uma nova pessoa sem deixar de ser eu mesma. Porque o caminho é feito de somas e mais somas.

De repente, o primeiro sinal toca. Rubi fica eufórica.

RUBI — Quando a gente tem treze anos, às vezes acredita que tudo o que acontece é definitivo. Mas aí a gente descobre que a vida tem muitas surpresas e que é possível inventar a vida. E isso também é arte. Saber lidar com os mistérios disso tudo é uma grande magia.

Vai e fica de frente ao público.

RUBI — Em breve, Rubi, você estará no palco!

Ela sai de cena.

As luzes se apagam.

Os outros dois sinais tocam.

CENA 12

[RUBI EM CENA]

As luzes se acendem novamente. O cenário é o palco do auditório.

Rubi entra em cena trajada com o figurino de Petra, andando de um lado para o outro.

RUBI — “Sim, é um achado! Esta pista era a que estava faltando para fecharmos o caso. Bom, meus queridos colegas, então todo o esforço que eu, Petra, fiz não foi por acaso. Chegou a hora de descobrirmos quem é a grande culpada desta história.”

Surgem Ivy e Manda em cena. Elas estão cabisbaixas, no canto do palco. Elas cochicham. Enquanto o foco está nas duas, Rubi continua a cena em silêncio.

IVY (*Cochichando com Manda.*) — Por que a gente acabou com esses papéis de figurante, hein? Tudo culpa sua!

MANDA (*Respondendo à Ivy.*) — Culpa minha? Eu não queria de jeito nenhum estar “Entre as pessoas que acompanham o caso”. Queria estar lá no centro do palco, no lugar dessa sem talento.

Volta o destaque em Rubi.

RUBI — “Eu não conseguiria ter resolvido tudo sem a ajuda de meu grande parceiro, Jean. Ele esteve o tempo todo nos bastidores da investigação.”

Enturmado entra em cena com um andar pomposo, envaidecido, sorrindo para o público. Ele vai se aproximando de Rubi.

ENTURMADO — “Ora, Petra, você sabe que, por você, eu sou capaz de mover montanhas. Pode contar para sempre comigo.”

Ele vai se aproximando devagar de Rubi. Ivy e Manda, que estão no canto do palco, cochicham.

IVY (*Tampando os olhos com a mão.*) — Ai, credo, essa parte me revira o estômago!

MANDA (*Escondendo o rosto.*) — Ninguém merece ver esse beijo assim de perto...

Enturmado dá as mãos para Rubi. Eles sorriem um para o outro, com cumplicidade.

As luzes se apagam.

CENA 13**[ENFIM, UM LUGAR]**

Rubi e Enturmado em cena no palco do auditório, após a apresentação do espetáculo. Eles estão felizes e relaxados, sentados no chão.

RUBI — Eu não fazia ideia de que você se chamava Esdras.

ENTURMADO — Sabe que às vezes até eu esqueço? Se bem que agora pode me chamar de Jean.

RUBI — Seu comédia! Ai, você é muito legal!

Enturmado fica enternecido com a fala de afeto de Rubi.

ENTURMADO — Jura?

RUBI — Sim, por quê?

ENTURMADO — Ninguém nunca me disse isso.

Rubi sorri para ele. Ela se levanta, puxando-o.

RUBI — E aí, você vai continuar?

ENTURMADO — No teatro?

RUBI — Sim. Eu vou muito. Achei o meu lugar.

ENTURMADO — Finalmente... achamos!

RUBI — Só que, da próxima vez, eu quero ser a vilã. Explorar novos perfis de personagens.

Rubi faz caras e bocas de vilã. Enturmado, por sua vez, estufa o peito e levanta a sobrancelha.

ENTURMADO — Eu não. Quero continuar sendo galã. Esse papel me caiu muito, muito bem.

Os dois riem e saem de cena.

As luzes se apagam.

CENA 14

[TODO DIA]

Rubi está dormindo. O despertador toca, ela se levanta. Coloca um uniforme, escova os dentes, se arruma, pega a mochila. Antes de sair de cena, encara o público.

RUBI — Sabe o que eu descobri? De certa forma, todo dia, quando vamos pro mundo, mais ou menos subimos num palco. Temos que estar dispostos a entrar em cena. Por muito tempo, eu achei que o legal era ficar na coxia, ou melhor, aqui na minha. Mas quando encaramos as várias possibilidades que existem lá fora, é incrível! Quando eu tive coragem de entrar em cena, eu também passei a ter coragem de ser quem eu sou. E tudo bem se vierem as vaias, as críticas. Só que, se você não entra em cena, também não tem aplauso, né? E, no fundo, receber uns aplausos até que é legal. Porque também faz parte da vida. Olha! Parece que o primeiro sinal de hoje já tocou.

Rubi, então, sai de cena.

As luzes se apagam.

As cortinas se fecham.

FIM



0 mural

Sobre esta história

Thales e Juba são irmãos adolescentes que dividem o mesmo quarto. Thales é quieto e introspectivo. Juba é expansivo e cheio de si. Quando ganham de presente da avó um mural e, com ele, um pedido dela de que lá coloquem as experiências que os marcam no dia a dia, um abismo se abre entre os irmãos.

Enquanto Juba enche o mural de fotos, ingressos e outras coisas que apresentam a intensidade de seu dia a dia, Thales pendura apenas o retrato de Manu, sua melhor amiga, por quem é apaixonado, e isso abre margem para os irmãos revisitarem um acontecimento do passado: a desistência de Thales de seu sonho de ser atleta após uma derrota causada por algo que presenciou e foi traumático para ele. Mas nem tudo é o que parece e a revelação de um segredo entre os dois irmãos é a chave para mudar essa situação.

Esta é uma história que vai levar para o palco a questão da dificuldade dos garotos de expressarem seus sentimentos, as diferenças e os conflitos entre irmãos, as confusões geradas pela experiência do primeiro amor, além de abordar a questão da superação dos próprios medos.

Personagens

Esta peça teatral possui cinco personagens que surgem em cena. São eles:

Thales: o irmão mais velho. Quietos e introspectivo, guarda uma paixão platônica por sua melhor amiga, Manu, e procura superar o trauma do dia em que perdeu a prova de atletismo na escola.

Juba: o irmão mais novo. Expansivo e divertido, vive com intensidade e não tem papas na língua. Quando percebe que o irmão não está bem, faz de tudo (mesmo trocando os pés pelas mãos) para ajudá-lo a superar essa situação.

Manu: amiga de Thales e Juba. Simpática e meiga, desperta o interesse de ambos e tem que lidar com os sentimentos deles por ela.

Garoto 1 e Garoto 2: amigos de Juba na escola.

Cenários

Cenas 1, 2, 4, 6, 7, 9 e 12: o quarto dos meninos (onde deve ficar o mural).

Cenas 3, 5, 8 e 10: corredores da escola.

Cena 11: a pista de corrida.

CENA 1

[A COMPETIÇÃO]

Estamos em um quarto de adolescentes. De cada lado do palco, dois móveis devem fazer as vezes das camas, quando as cenas se passarem nesse ambiente, mas também podem ser articulados para outras funções de acordo com os cenários indicados.

Ao fundo está o objeto que deve ficar presente o tempo todo em cena: um grande mural de cortiça.

Dois jovens, THALES e JUBA, estão de costas para o público, encarando o mural.

JUBA — Cara, mas que viagem da vovó, né? Nada a ver esse presente...

THALES — Ah... não achei, não!

JUBA — “Ah... não achei, não.” (*Imita o irmão.*) Olha aí o netinho preferido! Seria bem melhor se ela desse uma grana em vez de ficar inventando esses presentes, poxa. Agora, fala, Thales: o que a gente vai fazer com esse negócio?

THALES — Ah, ela disse pra fazer um mural com lembranças ou coisas legais que aconteceram com a gente. Pensa que é tipo uma rede social do passado. A gente coloca aí as coisas da nossa vida e são tipo os *posts*.

JUBA — E só a gente vai poder ver essa rede social paleolítica? Na rede social a gente exhibe a vida pros outros, essa é que é a graça!

THALES — Tudo bem, Juba. Quando a vó vier aqui e encontrar sua metade vazia, você explica isso pra ela.

Juba encara o irmão, incomodado com sua fala. Depois, para em frente ao mural um tanto pensativo. Pega sua mochila, que está perto da cama, e tira algo lá de dentro. É um papel de bala amassado. Ele o leva até o mural e o prende na cortiça com uma tachinha. Thales observa o movimento. Juba volta a mexer nas suas coisas enquanto Thales vai ver o que o irmão colocou no quadro. Um silêncio paira entre os dois.

JUBA (*Volta-se para Thales.*) — O que foi?

THALES — Nada. Só tava olhando... (*Ele ri.*) Um papel de bala?

JUBA — E qual é o problema?

THALES — Você vai colocar um papel de bala aí?

JUBA — É da bala que estava na minha boca quando beijei a Antonela, do oitavo ano. (*Ele faz uma pausa.*) Ontem. Esse mural quer história, não quer?

Juba caminha e encara o irmão.

JUBA — Será que sou eu que não vou ter nada pra colocar no mural? É, mano, esse mural vai te dar a certeza de como a minha vida é muito melhor que a sua.

THALES — Você ficou maluco, Juba? Nada a ver esse papo. Você e essa mania de competição.

JUBA — Será que esse é um problema meu ou seu? Sei lá, é você quem costuma fugir de competição há um bom tempo...

THALES — Cala a boca, moleque!

Os dois se encaram. Thales vira as costas e vai deitar em sua cama. Juba, ainda ferido, o provoca.

JUBA — Que doido, né? Você, todo campeão, não ter nada pra colocar aí na sua metade do mural...

THALES — Não me enche, Juba. Não me enche. Sério, fica quieto que vai ser melhor.

JUBA — Tá, tá! Não está mais aqui quem falou.

Juba sai de cena.

As luzes diminuem aos poucos e se apagam.

CENA 2

[SENTIMENTOS]

As luzes se acendem novamente. O quarto ainda é o cenário.

Agora Thales está sozinho no local. Ele se levanta da cama, se aproxima do mural e fica encarando sua metade vazia. Depois, fica olhando para o lado do mural do irmão, que já está cheio de coisas: fotos, papéis, ingressos. Ele fica cabisbaixo e com o olhar perdido em busca de algo, como quem recorre a uma lembrança.

Então, no outro canto do palco, surge uma garota. É MANU. A iluminação deve indicar que a presença dela ali se trata de uma lembrança do garoto. Ela está sorridente, como quem brinca e conversa com alguém.

MANU — Eu estou torcendo muito, muito por você, Thales. Certeza que você vai ganhar.

Thales, ainda voltado para o mural, responde à pergunta da garota.

THALES — Não tenho tanta certeza assim.

Manu responde ao garoto de onde está e o diálogo segue.

MANU — Thales, correr com você eu não consigo. Mas, mesmo assim, quero estar juntinho de você naquela pista.

THALES — Sua torcida já basta.

MANU — Ah, já sei!

THALES — O quê?

MANU — Eu acabei de tirar umas fotos três por quatro para um documento. Eu tô meio feia, foto três por quatro é um horror, mas vou te dar uma mesmo assim, aí você carrega contigo lá na corrida. Vai trazer sorte.

Manu tira a foto do bolso e a entrega para Thales. Ele a segura e fica olhando para a imagem.

THALES — Você acha mesmo que tá feia nesta foto?

MANU — Nossa, acho!

THALES — Você tá linda. Vai me dar muita sorte, certeza.

A iluminação sobre Manu se apaga. Thales fica sozinho no palco outra vez. Percebe-se, então, que ele segura uma fotografia. Ele a coloca do seu lado do mural, enquanto diz:

THALES — Manu, se você soubesse...

Juba invade a cena interrompendo o clima instaurado. Avança pelo quarto ofegante, vestindo um uniforme de futebol, senta-se no chão e tira a chuteira e as meias encardidas.

JUBA — Sabe que está sendo interessante esse lance de ficar prestando atenção nas coisas importantes da nossa vida?

THALES — Eu falei pra você não desdenhar o presente da vó. As pessoas mais velhas são sábias.

JUBA — Mais ou menos, Thales. Tem o seu Aristides lá da cantina. Ele tem falado umas bobagens.

THALES — Não fala assim dele, vai?

Juba levanta-se e vai até o irmão.

JUBA — Ah, Thalezinho, o grande defensor.... sabe o que eu acho?

THALES (*Encara o irmão.*) — O quê?

JUBA (*Entrega suas meias sujas para Thales.*) — Que você deveria pregar minhas meias aí no seu mural. Se bem que você poderia voltar a...

THALES — Não começa, Juba! Não começa com essa história...

JUBA — Você sabe qual é a minha opinião. Tem que lembrar que já foi um campeão e que os campeões sempre têm coisas boas pra colocar num mural.

THALES — Já falei que isso é coisa do passado.

Então, a foto de Manu, na metade do mural do irmão, chama a atenção de Juba.

JUBA — Ei, o que é isso?

Thales, envergonhado, imediatamente tira a foto do mural.

JUBA — O que foi? Deixa eu ver essa foto, Thales!

THALES — Esquece, Juba! É coisa minha.

JUBA — Você tá com vergonha de mim?

THALES — Não tô com vergonha de nada. Cuida da tua vida, Juba!

JUBA (*Exagerado.*) — Tá com vergonha de mim? Do teu próprio irmão?

THALES — E outra, como se você se interessasse pelas minhas coisas. Só me enche o saco!

JUBA — Ah, não! O que eu falo, falo pro seu bem, maninho.

THALES (*Rindo.*) — Pro meu bem? Você não me faz um elogio, sempre diz que eu estou errado, que eu deveria isso, aquilo, aquilo outro...

JUBA (*Cortando o irmão.*) — Seja lá o que você deveria, deveria! Eu sei que sou seu irmão mais novo, você que deveria me dar uns conselhos bons, mas ó, vou ser sincero, posso?

Thales assente com a cabeça.

JUBA (*Taxativo.*) — Você é um lerdo!

Thales fica mal.

JUBA — Calma, eu não estou falando daquele lance. Não quis dizer...

THALES — Mas disse!

JUBA — Eu estou falando de *outro* assunto!

THALES — Ah, é? De qual?

JUBA — Pô, mano, bem que eu tenho razão. Lerdo! Lerdo! Lerdo! Vou ter que ser direto: você precisa dar um jeito nessa paixão pela Manu!

Thales faz uma cara de “nada a ver”.

THALES — Se liga, cara! Ela é minha amiga e só.

JUBA — Não é o que o pessoal fala lá na escola, Thales. Todo mundo comenta que você fica sempre atrás dela, mendigando atenção. Ó, vou falar o que ninguém falaria para você, conselho de *brother*:

se posiciona, diz que curte ela. De outro jeito, você só vai ficar imaginando, sério. Tem um monte de gente a fim da Manu.

THALES — Que jeito de falar, Juba.

JUBA — Cola na minha, meu irmão. Foca e vai, senão você vai perder mais uma chance. E tenho que dizer pra você que vale a pena.

THALES — Vale a pena o quê?

JUBA — Ficar com a Manu.

THALES — Não entendi.

JUBA (*Sem jeito, tentando disfarçar.*) — Ah, se liga, Thales! Quem me falou isso foi o Andrey lá da minha classe. Você tá ligado que ele já ficou com ela, né? Eu tô te dizendo...

Thales se aproxima de sua cama, um pouco preocupado. Juba se volta para o lado oposto.

JUBA — Esquece, esquece! Vai, fica de boa e bota a foto dela de novo no mural. Afinal, ela é sua amiga, não é?

THALES — Você já ficou com ela, Juba?

Juba fica paralisado, finge que não ouviu. Não olha para o irmão.

THALES — Hein, Juba? Você já ficou com ela?

Juba se mantém em silêncio.

As luzes se apagam.

CENA 3

[O SEGREDO]

As luzes se acendem. O ambiente é escolar, em um corredor.

Manu surge em cena toda eufórica, correndo, e Juba se coloca na frente dela, impedindo seu caminho. Thales não está presente.

JUBA — Manu! É impressão minha ou você estava me procurando?

MANU — O quê, Juba? Tô atrasada pra competição. Cadê a galera?

JUBA — Ué? Tipo... eu posso ser uma galera?

MANU — Até pode...

JUBA — Tá, uma galerinha de uma pessoa. Mas, sei lá.

MANU — E as meninas, você viu?

JUBA — Que meninas?

MANU — Ah, Juba, você tá me enrolando! Cadê o pessoal que veio ver a corrida? Seu irmão...

JUBA — Não, não, não! Nem me venha com esse assunto. É você que tá me enrolando!

MANU — Eu? Enrolando você sobre o quê?

Juba põe a mão no ombro de Manu.

JUBA — Tá me enrolando e não quer conversar comigo. Esquece a galera, esquece as meninas, Manu! Vamos curtir esse momento e tal...

Ele começa a fazer charme, Manu se diverte.

MANU — Para com isso, Juba...

JUBA — Eu sei que você me acha uma gracinha.

MANU — Besta! Quem te falou isso?

JUBA — Tenho meus informantes...

Ele se aproxima dela, ela acha graça dele.

JUBA — Quer ver como eu corro igual ao meu irmão?

MANU — Para de se comparar com o Thales.

JUBA — Não preciso? Eu, por acaso, tenho meu valor?

MANU — Ah, mais ou menos...

Juba percebe que Manu o corresponde. Eles se aproximam e rola um beijo rápido. Na sequência, Manu se distancia.

MANU — Ai, Juba, a gente não deveria.

JUBA — Quem disse? Você não curtiu?

MANU — Sei lá... sei lá, garoto. Depois a gente conversa.

Manu sai correndo e deixa Juba com um sorriso no rosto. Vemos, ao fundo do palco, Thales acompanhando a cena, surpreso e triste.

As luzes se apagam por alguns segundos, mas logo se acendem. Quando isso acontece, o cenário é o quarto dos irmãos outra vez.

Juba está de pé, diante de Thales, que espera uma resposta.

JUBA (*Disfarçando.*) — Não! Ficar com a Manu? Você é doido? De onde tirou isso?

Fica um clima entre os dois.

JUBA (*Aponta para o mural, impaciente.*) — Vai, Thales, coloca a foto da mina no mural. Tá, tá, ela é sua amiga e pronto!

Thales se levanta, pega a foto novamente e a prega no mural sob o olhar do irmão.

THALES — É...

JUBA — É o quê?

THALES — Eu preciso ter mais coragem para algumas coisas.

JUBA — Acho que sim. Acho que sim.

Thales olha para o irmão, surpreso com sua fala.

JUBA — É isso mesmo, ué? Eu acho que você tem que ter coragem para algumas coisas.

THALES — Eu mudei.

JUBA — Tá bom, tudo bem. Eu sei. As pessoas mudam, mas se você não correr atrás do que deseja, nada vai acontecer. Olha aí o seu lado do mural.

THALES — Sou lerdo, tenho que correr... você está me dando indiretas, é?

JUBA — E eu sou cara de dar indiretas?

THALES — Não sei.

JUBA — Eu não! Eu dou a direta e *pá*. Você era um cara mais legal quando corria lá na escola.

THALES — Por que você se aproveitava da minha fama?

JUBA — Tá, é verdade. Ser irmão do campeão era bom. Mas você era um cara mais legal, mais enturmado, menos fechadão. Depois que rolou aquele lance, você fica aí no seu mundinho.

THALES — Eu só era legal quando ganhava. Quando eu per...

JUBA (*Cortando a fala do irmão.*) — Esquece aquela competição, parece que você parou naquele dia e nunca mais voltou. Que trauma é esse? Acabou, passou. Chega!

THALES — Você que pensa que acabou. O que aconteceu naquele dia ainda dói demais em mim.

Juba se aproxima do irmão e eles ficam frente a frente.

JUBA — Quando tiver outra chance, agarra.

As luzes se apagam.

CENA 4

[FÔLEGO]

Thales está sozinho no quarto. Ele olha diretamente para o mural. Anda de um lado para o outro, inquieto. Está incomodado ao olhar para sua parte quase vazia.

THALES — Por que eu não consigo? Por quê?

Ele fica andando pelo quarto, cheio de angústia, até que para outra vez diante do mural.

THALES — O que me faz ter esse medo? Não sei o que está acontecendo comigo... eu não era assim, não era.

Ele, então, pega a foto de Manu e fica olhando diretamente para ela.

THALES — Eu queria conseguir te falar o que eu sinto de verdade, mas é tão difícil. Esse medo de me decepcionar de novo. Eu não sei se eu perdi por causa de você ou se te perdi por causa... é tudo muito confuso! Eu fico aprisionado nessa ideia de achar que vou conseguir, mas e se no fim nada acontecer e todo mundo vier me cobrar e me cobrar e me cobrar? E, mais uma vez, vou te decepcionar.

Thales respira fundo e olha para uma caixa que está no canto do quarto.

THALES — Pro Juba é fácil. Ele não viveu tudo o que eu vivi. Aque-la pressão, aquela gente toda dizendo que eu ia conseguir. Aí, pra ele é fácil dizer que eu devia ser menos lerdo. Aliás, esse termo... era o que eu menos queria ser naquela hora, lerdo. E eu fui e não exatamente no que ele estava querendo dizer. Naquele dia, o rápido foi ele.

Thales caminha a passos lentos até uma caixa no canto do quarto. Quando chega perto dela, hesita em abrir a tampa. Depois de respirar fundo, agacha, a abre e encara algo lá dentro que o público não vê.

THALES — Será que é você quem devo pendurar no meu mural? Mas o que você significa exatamente se depois eu...

Ele abaixa a cabeça, em lamento.

THALES — ... falhei.

Ele tira de dentro da caixa uma medalha.

Como um flashback imediato, Thales entra em um aspecto onírico. Ele olha para o horizonte como se acompanhasse alguém com o olhar. Juba entra em cena como uma lembrança do irmão. Vê ele vibrando.

JUBA — Vai, mano, vai! Corre mais, você consegue! Muito bom!

Thales, do lugar em que está, se levanta com a medalha em mãos e encara o irmão na sua memória. Juba continua falando no sonho do irmão.

JUBA — Mano, eu tenho certeza, certeza de que dessa vez você vai ser o campeão! Ah, se você ganhar essa competição, vou ficar bem na fita. Afinal, vou ser irmão do maior corredor do colégio!

A luz sobre Juba se apaga e vai para Thales, que se destaca no palco. Ele está olhando para a medalha.

THALES — Você sabia que eu gostava dela... sabia!

Ele volta a olhar para o mural.

THALES — Do que, afinal, eu tô querendo correr agora? Ou pra onde? E por que nunca mais sai do lugar? O Juba está lá, vivendo a vida dele, até conseguiu ficar com a Manu. Eu vi, eu vi tudo aquele

dia, mas ele nem sabe disso. Ele tem coragem de fazer o que eu não tenho. O que adianta ganhar na pista se aqui fora... olha aí o mural dele. Olha aí quanta coisa ele faz, conquista, realiza. Se antes falavam que ele deveria ser igual a mim, agora é: “Thales! Olha seu irmão. Sai do quarto! Vai com ele! Você precisa se divertir! Cadê as namoradas, rapaz?”.

Ele abaixa a cabeça.

THALES — Eu já não sei se consigo mais nada dentro ou fora da pista.

Ele se volta para o público.

THALES — Pra onde eu posso correr, hein?

As luzes se apagam.

[A CHANCE]

As luzes se acendem e o cenário é o corredor da escola.

Juba está de um lado do palco, conversando com dois colegas. O clima é de zoeira adolescente: eles riem, brincam, se cutucam. Então, Thales passa. O grupo o observa e comenta.

GAROTO 1 — O seu irmão anda bem esquisito, hein, Juba?

GAROTO 2 — *Anda* esquisito? O Thales é esquisito. Dia sim, dia sim, eu diria.

GAROTO 1 — É que eu acho que nos últimos tempos ele está ainda mais. Ele já é na dele, mas está mais calado, só olha pra baixo.

Thales ouve os dois conversando enquanto cruza o palco. Juba fica quieto. O olhar dos irmãos se encontra e Thales parece um tanto decepcionado porque o irmão não o defende.

GAROTO 2 — O que você tem a nos dizer, Juba? O que tá rolando com o Thales?

JUBA — É... eu não sei. Não sei. Também isso é problema dele, né? Não é porque a gente é irmão que eu tenho que saber tudo sobre ele. O Thales é assim mesmo...

GAROTO 1 — Sempre foi?

JUBA — Mais ou menos...

GAROTO 2 — Vocês são bem diferentes mesmo, né?

JUBA — Muito.

Thales chega na outra ponta do palco e Manu entra em cena. Ela fica feliz em ver o amigo e o abraça.

MANU — Thales, como você está?

Ela enlaça o braço no dele.

THALES — Estou bem, por quê?

MANU — É o mural novo?

THALES — Como você sabe do mural?

MANU — Como você acha? O linguarudo do seu irmão me contou.

THALES — Aquele moleque!

MANU — Não implica com o Juba, ele é desse jeito mesmo.

THALES — É um criançação!

MANU — Esquece! (*Ela mexe na bolsa que carrega.*) Queria dar uma coisa pra você colocar na sua metade do mural.

THALES — Ju-jura, Manu?

MANU — Ué, não tem uma foto minha lá?

Thales fica sem graça.

MANU — Sim, o Juba também me contou.

THALES — Ele não tinha o direito!

MANU — Relaxa, Thales. Olha o que eu achei, não sei por que estava comigo e não com você. Por isso que eu estou te dando... um bilhete que eu escrevi pra você naquele dia da corrida.

THALES — Da corrida que eu perdi.

MANU — Coisas que acontecem com os melhores atletas.

THALES — Acabou que você não foi me ver naquele dia.

MANU — É, eu tive que ir embora. Aconteceram umas coisas.

THALES — Que coisas? Você nunca me contou, Manu. Sempre fala “aconteceram umas coisas”, sei. Eu vi você na escola aquele dia.

MANU — Não lembro direito... ah, acho que eu passei mal! Estava muito calor, credo. Foi isso!

THALES — Humm... é, eu fiquei esperando você, te procurei na arquibancada.

MANU — Então, olha, na próxima corrida, prometo que estarei na primeira fila da arquibancada.

THALES — Não sei se vai ter pró...

MANU (*Cortando-o.*) — Depois você decide. Fica com o bilhete de boa sorte. Ele é seu.

As luzes se apagam do lado do palco em que eles estão e se acendem apenas do lado em que estão Juba e os amigos.

GAROTO 1 — Tá a fim de entrar no time de futebol do interescolar deste ano?

JUBA — Como assim? Vai rolar interescolar de novo?

GAROTO 2 — Decidiram que sim. Ouvi dizer lá no grêmio. Acho que vamos nos inscrever com o nosso time de futebol. Quer entrar?

Juba fica alheio ao assunto, paralisado, avoado. Ele olha para Thales no outro canto.

JUBA *(Falando sozinho.)* — Será que chegou a hora de consertar o que eu fiz?

Um amigo lhe chama atenção e ele volta para a conversa.

GAROTO 2 — Ei, Juba, você ouviu o que eu falei? Você quer entrar no nosso time?

JUBA — Posso te responder depois? Preciso fazer uma coisa.

Juba sai correndo.

GAROTO 2 — Cara doido...

CENA 6

[CONSELHO]

Transição de cenas. O cenário passa a ser o quarto novamente.

Juba e Thales estão sentados cada um em sua cama, se olhando.

THALES — Já falei mil vezes que não vou competir, cara. Não insiste!

JUBA — Ô rapaz, para com isso! Você é o melhor corredor que aquela escola já teve. Gostava tanto de competir, de vencer. Por que não se dá essa chance mais uma vez?

THALES — Muita pressão! Não gosto mais disso.

JUBA — Eu não estou falando do que os outros esperam de você, Thales. Esquece o que os outros pensam, você precisa aprender isso. Faz o que tem que fazer, qualquer coisa que seja, por você. Você ama correr, ama estar na pista competindo. Eu me lembro direitinho de que, quando eu era pequeno, ficava impressionado com a sua velocidade, parecia o Flash.

Thales olha para Juba com afeto.

THALES — Não, isso não é mais para mim...

JUBA — É, sim! Não tenho dúvida.

THALES — Você pode me respeitar, por favor? Está decidido, não quero participar desse campeonato. Não quero, Juba!

JUBA — Perder faz parte. Ninguém mais se lembra do que aconteceu. Aquele campeonato está lá no passado.

THALES — Mas eu não me esqueci de nada.

JUBA — Desde aquele dia, você se trancou nesse medo, ficou preso nessa história. Fica se escondendo de tudo e de todos. Olha pra sua vida, Thales! Você é legal, bonito, e fica preso nessa bolha do passado. Aí o seu mural vai ficar assim, sem nada, até quando você tiver a idade da vovó.

Juba olha para o lado do mural do irmão e percebe que tem um papel pregado ao lado da foto de Manu. Ele se aproxima do mural para ver o que é.

JUBA — O que é isso?

Thales tenta impedi-lo de ver.

THALES — Coisa minha!

JUBA — Rapaz, mais do que ganhar essa corrida, você bem que quer conquistar o coração da Manu, né? Acho que ela quer exatamente isso também.

THALES — Era o que eu queria que tivesse acontecido naquele dia. Mas a Manu não apareceu.

JUBA — Não lembro o que deu nela.

THALES — Ela disse que passou mal.

JUBA — Verdade! Como eu poderia me esquecer?

THALES — É, não sei como você poderia se esquecer daquele dia.

O clima entre os dois fica tenso. Eles se encaram, desconfiados.

THALES — Você não tem noção do tanto que eu perdi naquele dia.

Juba, então, quebra o gelo.

JUBA — Se eu fosse você, competia só por causa dela e de mais ninguém. Se a única fotografia pendurada aí é a da Manu, ela deve ser importante pra você.

THALES — Do que você está falando?

JUBA — Nada, não... só pensa nisso! Ouve um pouco seu irmão mais novo. Às vezes eu sei das coisas, rapaz.

Thales encara Juba e sai do quarto.

CENA 7

[IRMÃOS]

Juba está sozinho em cena, ainda no quarto, pensativo.

JUBA — Eu sei que ele me viu beijando a Manu. Já saquei isso.

Ele anda de um lado para o outro, nervoso.

JUBA — Será que fui eu o culpado daquela derrota? Só por que a Manu e eu nos beijamos? Ah, cara, eu não queria magoar meu irmão...

Juba coloca as mãos no rosto.

JUBA — Eu sempre faço tudo errado, ajo por impulso! Sabe por quê? Porque eu não tenho a capacidade que você tem de brilhar, Thales. Quem me dera eu ser o campeão dessa família, ter todo mundo torcendo por mim...

Ele anda de um lado para o outro, cabisbaixo.

JUBA — Mas não sou assim. O cara capaz de conquistar muita coisa é você. Eu sou “o irmão do Thales”. É, cara, muita gente já me comparou com você, não sei se você sabe. Eu queria ser bom em alguma coisa como você é na corrida, mas nada.

Ele para de andar e se volta para o mural.

JUBA — Acho que é por isso que o meu lado do mural tá cheio. Porque eu atiro pra todos os lados, tento conquistar as pessoas. Aí estou em todos os lugares, fazendo várias coisas e, não vou negar,

a vida está sendo legal. Mas eu acho mesmo que você é bom em muitas coisas. Eu só não sei falar direito como você pode perceber isso, até porque você é o irmão mais velho e é quem, teoricamente, devia saber mais da vida.

Ele para diante do público.

JUBA — Thales, supera o dia em que perdeu a corrida no campeonato da escola. Eu sei que todo mundo ficou te pressionando pra ganhar ou perguntando por que você perdeu. Isso foi mesmo uma droga, a maior covardia que fizeram com você, meu irmão. E eu também sei um dos motivos que te levaram a perder a corrida e que você tanto esconde: a Manu não ter aparecido na torcida. Você estava na maior expectativa de ela te ver, te aplaudir e de correr pra te abraçar, né? Mas, mano, passou, não aconteceu do jeito como você esperava e já tá mais do que na hora de você se declarar pra ela, falei e disse.

Juba continua falando sozinho, como se estivesse conversando com o irmão.

JUBA — Não seja tão exigente, Thales. A vida é mais de boa. A gente é adolescente e você fica aí se segurando, cheio de medo. Eu fiz aquilo sem pensar, só queria que a Manu me notasse. Ela sempre estava aqui em casa e eu me encantei, né? Foi mal. Agora você tá aí com esses medos, inseguro. Medo leva pra onde? Pra nenhum lugar. Você fica aí, escondendo seu brilho, seus sentimentos. Imagino que nem tenha dado bola pra notícia do campeonato deste ano, mas deveria. Entra na briga de novo e corre pro abraço... pros abraços...

Juba continua o monólogo.

JUBA — Mas não adianta falar. Não quero comparar a gente, Thales, mas, ó, eu sei que eu devia ter um tantinho da sua disciplina, me comportar um pouco melhor, e, às vezes, você podia dar uma de doido igual eu!

Ele para e tem uma ideia.

JUBA — Eita! Não é que tive uma ideia? Será? Será que eu devo fazer isso? Me arriscar? Ué, por que não, hein? Por que não? Sim, vou fazer a minha parte e consertar o meu erro.

Juba sai de cena com um sorriso no rosto.

As luzes se apagam.

CENA 8

[INSCRIÇÃO]

Quando o palco se ilumina, os personagens estão no ambiente escolar outra vez.

Thales caminha calmamente, carregando sua mochila. Manu surge correndo em direção a ele.

MANU — Thales, Thales! Fiquei tão feliz com sua decisão!

THALES — Ei, Manu! Primeiro de tudo: tudo bem? Aliás, você está bem? Do que você tá falando?

MANU — Ué, tô falando de você ter voltado a correr! Estou muitíssimo feliz, Thales!

Thales fica paralisado.

THALES — Do que você tá falando exatamente?

MANU — Vi o seu nome na lista dos competidores do campeonato interescolar de atletismo deste ano.

THALES — Ah, Manu, para com essa brincadeira!

MANU — Não é brincadeira, Thales! Eu vi mesmo o seu nome na lista e todo mundo tá comentando o seu retorno à pista.

Thales começa a ficar nervoso.

THALES — Manu, tem alguma coisa errada. Eu não...

Manu pega o celular na bolsa e começa a procurar algo no aparelho, como se estivesse “subindo” e “descendo” a tela.

MANU — Eu vou te mostrar, a lista foi publicada no *site* da escola.

Thales se aproxima dela na maior expectativa. Quando encontra a lista, a menina mostra a tela do celular para o amigo.

MANU — Olha, Thales, seu nome tá aqui.

THALES — Mas eu não...

Manu percebe que o amigo está nervoso e confuso. Tenta acalmá-lo, segurando suas mãos. Thales leva um susto e fica com vergonha.

MANU — Eu confio em você, Thales. E, desta vez, eu vou estar lá para aplaudir você, meu amigo.

Thales assente com a cabeça.

THALES — Vou pensar, Manu. Vou pensar. Isso não é fácil pra mim.

MANU — Eu sei. Mas correr é, sim, fácil pra você.

THALES — Pode ser. Pode ser. Mas, antes de qualquer coisa, quero resolver uma questão.

Thales sai de cena.

CENA 9

[A DECISÃO]

Transição para uma cena que se passa no quarto dos irmãos. Thales e Juba estão frente a frente.

THALES — Você não podia ter feito isso, Juba!

Juba fica indiferente ao irmão, que se irrita ainda mais.

THALES — Você não podia interferir desse jeito na minha vida!

Juba dá as costas para Thales.

JUBA — Só estava achando a sua parte do mural muito vergonhosa.

THALES — Que droga esse mural! Tudo começou por causa dele.

JUBA — Ué? Não era você que tinha curtido *muito* esse presente da vovó? O que aconteceu?

THALES — Ah, Juba, deixa eu viver a minha vida do jeito que eu quero!

JUBA — Não acho que você vive a vida do jeito que você quer, Thales. Você tem um medo danado dela.

THALES — Todo mundo, como sempre, me julgando, dizendo o que eu devo, o que eu não devo...

JUBA — Ei, ei, ei! Quem é julgado aqui nesta casa sou eu. Você é o queridinho, esqueceu? Eu que estou sempre levando bronca, recebendo sermão, ouvindo que deveria ser como o meu irmão...

Thales fica sem graça.

JUBA — Mas tem uma qualidade sua que eu acho que eu deveria ter mesmo.

THALES — Do que você está falando?

JUBA — Se bem que, esta única qualidade que eu acho que deveria ter, você não tem mais. Por isso que eu quis ajudar você, vai que me inspira outra vez!

THALES — Não estou entendendo nada, Juba.

JUBA — Ô Thales, pelamor! Eu queria ser bom em alguma coisa como você é na corrida.

THALES — Como eu fui. Isso é passado.

JUBA — Você desistiu, isso sim. E eu sei que não foi por causa da corrida. Foi por causa de outra coisa.

Os dois se encaram.

THALES — Você nem imagina o que eu senti naquele dia.

JUBA — Imagino, sim. Dormi no mesmo quarto que você todas as noites e ouvi você chorar. Eu imagino, sim. Foi terrível para mim também, Thales. Você não sabe o quanto eu sofri, por muitos motivos, mano. Eu só achei que era a hora de você acabar com isso de uma vez por todas. Por isso, inscrevi você na corrida do interescolar. Tá, fui eu que inscrevi você! E faria isso de novo e de novo e de novo.

THALES — Eu não vou.

JUBA — Não vai? Então, belê!

THALES — Belê?

JUBA — Belê! Se você não for, eu vou no seu lugar. Posso perder, vai ser pior pra você. Todo mundo vai rir da gente. Mas, olha, se eu ganhar, Thales, e vou fazer de tudo pra isso, fica sabendo que vou comemorar com a Manu.

THALES — Do que você tá falando?

JUBA — É isso mesmo! Eu vou comemorar com ela. E você vai ficar aí só vendo a foto dela no mural.

Thales, num impulso, tenta avançar no irmão, que se protege; ao fim desse movimento, paralisa e começa a chorar.

Juba fica comovido e sem jeito. Thales se encolhe e o irmão o abraça.

JUBA — Calma, mano, eu errei daquela vez. Você sabe que eu sou esse sem miolo, igual o papai fala. Esquece a minha provocação, por favor. Agora, é com você. A Manu é a fim de você, eu sei.

Thales olha para o irmão.

THALES — E se eu perder de novo?

JUBA — E se você ganhar de novo?

THALES — Não sei, faz tempo que eu não treino.

JUBA — Você tá falando do que exatamente? Da corrida ou de dar uns beijos?

A tensão se dissipa e os dois caem na gargalhada. Juba levanta Thales e os dois ficam frente a frente.

JUBA — Quanto à corrida, eu te ajudo. Agora, o outro lance só depende de você.

Thales encara o irmão sem dizer nada. Juba vai até a caixa de coisas de Thales, a abre e tira de lá uma medalha. Caminha até o irmão e a coloca em seu pescoço.

JUBA — Já deu pra entender que eu acho que você deveria se dar uma chance. Pensa nisso.

As luzes se apagam.

CENA 10

[LEMBRANÇAS]

Duas cenas acontecem simultaneamente. De um lado, focamos Thales, que está na pista de corrida, entrando em cena, concentrado. Ele começa a fazer exercícios de aquecimento para a corrida e a se alongar. Ouvimos, em off, vozes comentando a trajetória de corredor dele, da glória ao fracasso.

VOZ EM OFF 1 — Ele é o menino mais rápido aqui da escola!

VOZ EM OFF 2 — Ele vai ser campeão, vai representar nosso país mundo afora.

VOZ EM OFF 3 — Todos estão apostando no Thales!

VOZ EM OFF 4 — Ninguém sabe o que aconteceu. Ele tinha tudo pra ganhar.

VOZ EM OFF 5 — Isso acontece, Thales, não tem problema!

VOZ EM OFF 6 — Puxa, a gente esperava mais dedicação, viu?

VOZ EM OFF 7 — Talvez a gente inscreva outra pessoa este ano.

VOZ EM OFF 8 — Treina mais, treina mais!

Thales está abatido, pensativo. Para de se aquecer e procura algo no bolso do shorts. De lá, tira um papel: é o bilhete de Manu que estava pregado no mural. Ele o lê. Ouvimos a voz da menina lendo a carta em off.

MANU (*Voz em off.*) — Thales, você não imagina o quanto estou torcendo por você. Você é o único campeão que eu conheço na vida

e isso me deixa cheia de orgulho. Vou poder contar pra todo mundo. Espero que você conquiste esta prova porque eu sei que isso é a coisa mais importante pra você. E, sendo assim, passa a ser pra mim também. Boa corrida. Um beijo, Manu.

Thales guarda o bilhete no bolso, sorri e volta a se aquecer. A luz sobre ele se apaga. Do outro lado do palco, surgem Juba e Manu conversando no corredor da escola.

MANU — E aí, já tem alguma resposta do Thales?

JUBA — Manu, ele ainda tá muito furioso com o que eu fiz. Faz uma semana que ele não olha na minha cara...

MANU — Puxa, mas não era pra tanto. Será que ele não entendeu que você fez isso pro bem dele?

JUBA — Coisa de irmão, Manu. Mas foi isso mesmo, só tentei ajudá-lo. Esse é um tema muito difícil pro Thales. Ele sofreu demais quando perdeu aquela competição, Manu. Só eu sei como foi, como ele ficou triste. Ele chorava sozinho de noite, sabe?

MANU — Puxa, não imaginava, Juba.

JUBA — Pois é, as pessoas não acolheram o meu irmão. Falaram um monte pra ele, só cobrando isso e aquilo.

MANU — Como são cruéis!

JUBA — Nem me fala. Aí o Thales se fechou. Ele sempre foi na dele, mas entrou num buraco muito doido. E eu sempre achei que tinha a ver com isso. Mas depois que a gente ganhou aquele mural e vi o espaço dele vazio, achei que por dentro dele estava vazio também. Foi muito triste pra mim. Daí, quando vi o anúncio da corrida, agi no impulso e já inscrevi ele.

MANU — Você fez muito bem.

JUBA — Agora, se ele vai aparecer lá na corrida, eu não sei. A gente só vai descobrir no dia.

MANU — Essa eu não vou perder!

JUBA — O Thales com certeza vai ficar feliz de te ver lá.

MANU — Claro, sou amiga dele...

Juba olha sorrindo para Manu e faz um gesto negativo com a cabeça.

MANU — O que foi?

JUBA — Você nunca percebeu algo a mais na amizade de vocês?

MANU — O quê?

JUBA — Manu, naquele dia da corrida, a gente se beijou.

MANU — Ah, Juba, foi uma bobagem! Um selinho só. Nada demais, né?

JUBA — É... mas o Thales viu.

MANU — Como assim? O Thales viu?

JUBA — Viu! Ele nunca me contou, mas eu fui sacando. Tenho certeza de que foi isso que abalou o meu irmão naquele dia.

MANU — É, me abalou também. Daí, achei melhor ir embora. Fiquei muito confusa.

JUBA — Tudo culpa minha...

MANU — Nada a ver, Juba. Esquece isso. O que você queria falar sobre o Thales?

JUBA — Você também é bem lerdinha, hein?

MANU — Para! (*Manu faz uma pausa e fica pensando.*) Jura mesmo, Juba?

JUBA — Juro, Manu. Ninguém coloca uma foto de uma mina num mural à toa. Pode ter certeza.

As luzes se apagam.

CENA 11

[A CORRIDA]

Esta é uma cena de passagem um tanto simbólica que acontece na pista de corrida. Com uma trilha sonora potente ao fundo, Thales, com roupa de corrida, entra no palco e se concentra. Ele se coloca em posição para correr e o público o acompanha atravessar o palco correndo. Essa corrida deve ser feita com movimentos que simulam câmera lenta. O público deve perceber sua garra, seu empenho, sua superação e sua transformação de um ponto a outro do palco. Existe uma libertação de si mesmo. Ele chega à outra ponta do palco celebrando a vitória. Uma vitória para si mesmo, acima de tudo.

CENA 12

[O MURAL]

Thales e Juba estão no quarto, olhando para o mural. Thales aparenta certo alívio. Tira do pescoço a medalha que ganhou na corrida e, enfim, a prega no seu lado do mural. Juba está ao seu lado, observando a cena com orgulho. Após pendurar a medalha, Thales diz para o irmão:

THALES — Desculpa, cara. Eu acho que fui injusto com você.

JUBA (*Brincalhão.*) — Ih mano, imagina! Já tô acostumado!

THALES — Puxa...

JUBA — Tô zoando. Sério, tô felizão com isso que aconteceu. Você precisava redescobrir a sua força, o seu talento.

THALES — É verdade. Esse tempo todo distante da corrida e eu não conseguia entender o que estava faltando. Quando uma peça da gente falta, não dá para seguir em frente, né?

JUBA — Achei meio profundo, mas deve ser isso.

THALES — Se não fosse você, Jubazinho, isso não teria acontecido.

JUBA — Tudo bem que eu fui um vacilão, né?

THALES — Mas, se não fosse assim, não seria você!

JUBA — Fato! Agora eu só fiz o que deveria fazer. E tem outra: se não fosse tudo isso, como eu ia descobrir que eu também posso te ajudar, hein, mano? Tenho um lugar aqui!

Thales encara o irmão com afeto.

JUBA — Acho que eu descobri que quando você ganha algo, Thales, eu também ganho de certa forma.

Thales abraça o irmão, que fica sem jeito. Constrangido com o gesto de afeto, ele logo escapa. Então, Juba olha para o mural.

JUBA — E aí, cara, quais são os próximos planos?

Thales também se volta para o mural.

THALES — Preciso pensar...

JUBA — Agora você está pronto pra preencher tudinho. E eu acho que vou precisar de um só meu. Por que você tá ligado, né, Thales? Eu vou voltar a montar na fama do meu irmão campeão.

THALES — Besta!

Thales e Juba olham um para o outro.

JUBA — A gente achava que esse mural era uma viagem da vó.

THALES — A gente, não! Você!

JUBA — Tudo bem, tudo bem. Tenho que concordar com você. Eu desconfiei desse lance.

THALES — E eu não fazia ideia de como preencher minha parte.

JUBA — E você viu como a resposta é simples?

Thales assente com a cabeça.

THALES — Bom, meu irmão, o papo está legal, mas preciso ir.

JUBA — Manu?

THALES — Manu!

JUBA — Boa!

Thales, então, pega sua mochila e sai. Juba se volta para o mural.

JUBA — Pois é, pra preencher direitinho isso aí, basta ser quem a gente é de verdade. *(Pausa.)* Eu também vou conseguir. Também vou.

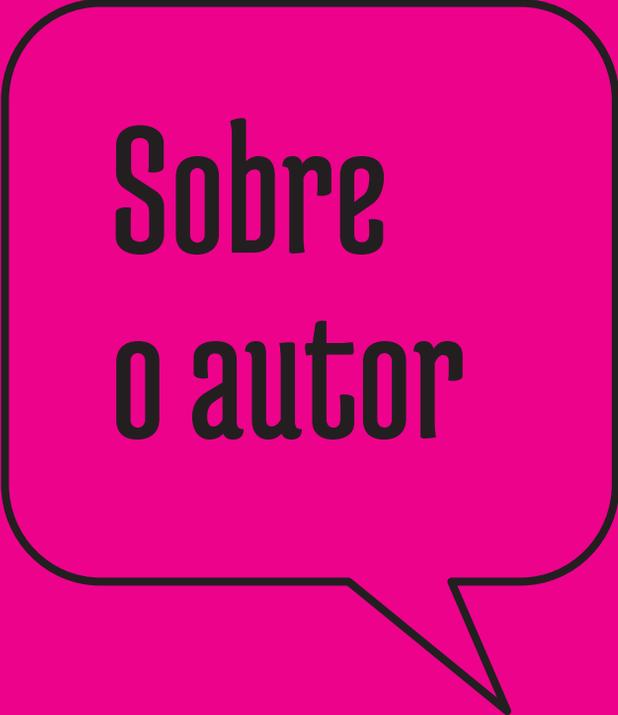
A trilha sonora sobe.

Juba fica olhando para o mural, pensativo, enquanto Thales encontra Manu e a abraça.

As luzes se apagam.

As cortinas se fecham.

FIM



**Sobre
o autor**

Caio Tozzi é escritor, roteirista e jornalista. Nasceu em São Paulo, em 1984. É formado em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-graduado em Roteiro Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Sua atuação profissional transita em projetos de arte, cultura, entretenimento de diversas áreas de conteúdo, como jornalismo e publicidade. Para os jovens leitores escreveu, entre outros, os livros *Tito Bang!*, *Fabulosa Mani*, *Procura-se Zapata*, *Sala 1208* e *Super-Ulisses*, sendo os dois últimos finalistas do Prêmio Jabuti 2022 na categoria Juvenil. Como documentarista, criou, roteirizou e codirigiu os filmes *Ele era um menino feliz — O Menino Maluquinho, 30 anos depois*, sobre a trajetória do personagem mais famoso do escritor e cartunista Ziraldo, e *A vida não basta*, que conta histórias de pessoas que vivem pela arte e tem a participação de Milton Hatoum, Ferreira Gullar, Toquinho, Denise Fraga, entre outros. Para os palcos, escreveu o monólogo dramático *Vic Triunfo* e o juvenil *Os lunáticos*. Também é o criador e apresentador do *podcast* #MOCHILA, que fala sobre ficções produzidas para jovens em diversas mídias. Para conhecer mais seu trabalho, acesse o *site* www.caiotozzi.com.

Este livro foi composto com as tipografias Medula One e KoHo
e impresso em papel Offset 120 gm²,
pela gráfica PifferPrint, em 2023.

Chegou a hora de os adolescentes entrarem em cena! É exatamente este o convite que *Viva o palco! – Histórias juvenis para ler e encenar* traz para os jovens leitores.

Criada e escrita por Caio Tozzi, autor de livros infantojuvenis e juvenis como *Super-Ulisses* e *Sala 1208*, a obra apresenta duas dramaturgias inéditas: “Rubi em cena” e “O mural”. Esses textos colocam os adolescentes como protagonistas e tratam de suas questões, dramas, medos, relações e, principalmente, do desejo que têm de encontrar um lugar no mundo.

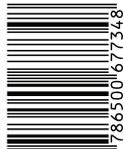
Com essas histórias em mãos, e muita vontade de fazer arte, os jovens terão a possibilidade de mergulhar na experiência do fazer teatral e de viver todo o processo de produção de uma peça. Uma oportunidade única de ganharem o protagonismo não apenas no palco, mas também na escola, no bairro, na família, podendo falar sobre o que sentem, pensam e vivem.

PROAC
PROGRAMA DE
AÇÃO CULTURAL



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**
Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

ISBN: 978-65-00-67734-8



9 786500 677348

CBL